

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO-USP
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO: ESTUDOS COMPARADOS DE
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

CRISTIANO CAMILO LOPES

DA TERRA DAS SOMBRAS À TERRA DOS SONHOS
O espaço sagrado na literatura para crianças e jovens

Orientadora: Prof^a Dra. Maria Lúcia Pimentel de Sampaio Góes

São Paulo
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CRISTIANO CAMILO LOPES

DA TERRA DAS SOMBRAS À TERRA DOS SONHOS
O espaço sagrado na literatura para crianças e jovens

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª Dra. Maria Lúcia Pimentel de Sampaio Góes

São Paulo
2009

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Lopes, Cristiano Camilo

Da terra das sombras à terra dos sonhos: o espaço sagrado na literatura para crianças e jovens / Cristiano Camilo Lopes ; orientadora Maria Lúcia Pimentel de Sampaio Góes. -- São Paulo, 2009.

87 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Sagrado. 2. Espaço Sagrado. 3. Literatura para Crianças e Jovens. 4. Comparativismo. 5. Ciberespaço. I. Título. II. Góes, Maria Lúcia Pimentel de Sampaio.

CRISTIANO CAMILO LOPES

DA TERRA DAS SOMBRAS À TERRA DOS SONHOS
O espaço sagrado na literatura para crianças e jovens

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Para Deus

"misterium tremendum et fascinans"

Para Mariú

Amor da minha vida

AGRADECIMENTOS

À prof^a Dra. Maria Lúcia Pimentel de Sampaio Góes, mestra, guia e presença confortadora. Agradeço por me receber como aluno, por me lapidar e me ensinar o “caminho da bem-aventurança”. Sua vida é um exemplo para mim.

À minha esposa, Mariú, pela revisão textual e ajuda na formatação. Você é um exemplo para mim. Eu te amo!

Aos meus pais, Dorival e Raymunda, por me prepararem para a vida e me ensinarem o caminho sagrado.

Ao meu sogro, Jonas, e à minha sogra, Neusa, por me receberem como filho.

Aos meus irmãos, Alexandre e Marcelo, pelo apoio e incentivo.

Ao meu amigo e irmão, Jonas, por me incentivar nos estudos e por tecer reflexões sobre o meu trabalho.

Aos meus irmãos, Jonas, Juliana, Melisa e Gleison pela presença sempre confortadora.

Aos meus familiares: tios e primos. Amo vocês!

À minha sobrinha, Heloísa, a princesa da família.

À prof^a Durvalina B. Bezerra, por me ensinar os passos no serviço sagrado.

À prof^a Dra. Nelly Novaes Coelho, pela riqueza de conhecimento transmitida e pela participação nessa etapa tão preciosa da minha formação acadêmica.

À prof^a Dra. Cleide Papes, pelas contribuições valiosas feitas no Exame de Qualificação.

À prof^a Dra. Maria Zilda da Cunha, por me receber como amigo e me ensinar a caminhar na vida acadêmica.

Aos meus amigos, Andréa Fagundes, Adilton e Talina, João Batista, Gô, Rodrigo, João Carlinhos e Luciane, Juliana Pádua, Desirée, Sara, Patricia e Fernanda, Renato e Khadini, Jairo, Carlos e Cristiano: vocês se tornaram meus irmãos.

Ao Seminário Teológico Betel Brasileiro, “espaço sagrado” responsável pela minha formação. Agradeço a oportunidade de compartilhar o amor pelo sagrado.

“La experiencia de lo sagrado afirma: aquí es allá; los cuerpos son ubicuos; el espacio no es una extensión, sino una cualidad; ayer es hoy; el pasado regresa; lo futuro ya aconteció [...] una suerte de ritmo teje tiempo y espacio, sentimientos y pensamientos, juicios y actos y hace una sola tela de ayer y mañana, de aquí y allá, de náusea y delicia.”

Octavio Paz

“A experiência do sagrado afirma: aqui é lá; os corpos são ubíquos, o espaço não é uma extensão, mas uma qualidade; ontem é hoje; o passado regressa; o futuro já aconteceu [...] uma espécie de ritmo tece o tempo e o espaço, sentimentos e pensamentos, julgamentos e atos, e faz do ontem e do amanhã, do aqui e do além, da náusea e da delícia, uma só tela.”

Octavio Paz

RESUMO

LOPES, Cristiano Camilo. *Da terra das sombras à terra dos sonhos: o espaço sagrado na literatura para crianças e jovens* [dissertação]. São Paulo: “Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo”, 2009, 86 p.

Esta dissertação tem como objetivo identificar a presença do espaço sagrado na Literatura para Crianças e Jovens. Para isso, utilizamos como eixo teórico-metodológico propostas sociológicas e antropológicas sobre o sagrado e sua relação com o homem. Como um substrato para mitos, ritos e arquétipos, o sagrado tem permeado a Literatura para Crianças e Jovens, revelando o homem e sua relação com suas crenças. Em diversas obras, evidencia-se como um elemento essencial e norteador do ser que o aceita. Assim, recorrendo ao estudo de temas (tematologia) como método comparativista, objetivamos identificar a configuração do espaço sagrado, pela oralidade, em duas obras: *A menina de lá*, de Guimarães Rosa, e *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto. Além disso, pelo mesmo método comparativista, analisaremos as obras *As Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, de C. S. Lewis e *Cibermãe*, de Alexandre Jardin, com o objetivo de identificar o retorno do sagrado nos dias atuais e, verificar que o sagrado não se limita a épocas, mas até mesmo na modernidade o homem o busca.

Palavras-chave: Sagrado, Espaço Sagrado, Literatura para Crianças e Jovens, Comparativismo, Ciberespaço

ABSTRACT

LOPES, Cristiano Camilo. ***From the shadow land to the dream land: the sacred space in the literature geared at children and young people*** [dissertation]. "Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo", 2009, 86 p.

This essay aims at identifying the presence of the sacred space in the literature geared at children and young people. For this we used the theoretical - methodological axis as the sociological and anthropological proposals on other sacred and its relationship with man.

As a basis for myths, rites and models, the sacred has permeated literature for children and young people, revealing man and his relation to his beliefs. In several literary works, the sacred is highlighted as an essential element and a guide for the man who accepts it.

Likewise, resorting to the study of themes as a comparative method, we aim to identify the sacred space by oral sources in two works: *A menina de lá*, by Guimarães Rosa and *O beijo da palavrinha* by Mia Couto.

According to the same comparative method, we will analyze the following works: *The chronicles of Narnia: the lion, the witch and the wardrobe* by C.S. Lewis and *Cybermother* by Alexander Jardin, aiming in both cases to identify the return of the sacred to the present day, observing that the sacred does not limit itself to periods, but man searches for it even in modern days.

Key-Words: Sacred, Sacred Space, Literature Geared at Children and Young People, Comparative, Cyberspace.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – Capítulo 1 – Ilustração de Pauline Baynes para da obra *The Chronicles of Narnia: the Lion, the witch and the wardrobe*, de C. S. Lewis..... 17
- Figura 2** – Capítulo 2 – Ilustração de Marilda Castanha para a obra *O Gato e o Escuro*, de Mia Couto 33
- Figura 3** – Capítulo 3 – Ilustração de Malangatana para a obra *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto 50
- Figura 4** – Capítulo 4 – Símbolo do infinito. Referência disponível na internet <http://cool-palimpsest.stanford.edu/byorg/abbey/ap/img/infinity.gif> 54
- Figura 5** – Capítulo 5 – Capa do livro *Cibermãe*, ilustração de Stéphanie Daoud e Ricardo Rivas 64
- Figura 6** – Capítulo 6 – Uróboro. Disco de bronze, arte de Benin. In. *Dicionário de Símbolos*, de J. Chevalier e A. Gheerbrant 73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 DESBRAVANDO TERRAS E DESCOBRINDO CAMINHOS: O ESPAÇO SAGRADO	17
1.1 A fenomenologia do sagrado	18
1.1.1 A antropologia do sagrado	18
1.1.2 O sagrado e sua manifestação	21
1.1.2.1 <i>O mysterium tremendum et fascinans</i>	22
1.1.2.2 A ambiguidade do sagrado	25
1.1.2.3 A hierofania	26
1.1.2.4 O espaço sagrado	27
1.1.2.5 O sagrado, o mito e o rito.....	30
2 PERCORRENDO CAMINHOS DA FANTASIA, DA IMAGINAÇÃO E DOS SONHOS: A LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS.....	33
2.1 O que é Literatura para Crianças e Jovens?.....	34
2.2 A Função da Literatura para Crianças e Jovens	36
2.3 A Literatura Para Crianças e Jovens na Atualidade.....	40
2.3.1 O Objeto Novo	41
2.3.1.1 O Hipertexto	42
2.3.2 A Literatura para Crianças e Jovens e a Cibercultura.....	44
2.3.2.1 O Ciberespaço	45
2.3.2.2 A Hipermídia.....	47
2.3.2.3 O Leitor imersivo	48

3 RELAÇÕES, DIÁLOGOS E TEMAS: O COMPARATIVISMO.....	50
3.1 O Estudo de temas.....	51
4 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS, RECORRÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS: OBRAS EM CONFRONTO	54
4.1 O espaço sagrado em <i>A menina de lá</i> de Guimarães Rosa.....	55
4.2 O espaço sagrado em <i>O beijo da palavrinha</i> de Mia Couto.....	58
5 DA MODERNIDADE À INFOERA: A LITERATURA DE FICÇÃO EM DIÁLOGO.....	64
5.1 O espaço sagrado em <i>As Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda- roupa</i> de C. S. Lewis.....	65
5.2 O espaço sagrado em <i>Cibermãe</i> de Alexandre Jardin	69
6 SEGUINDO VESTÍGIOS E SOMBRAS, DESCOBERTAS E RELEITURAS: O RETORNO DO SAGRADO NA MODERNIDADE	73
6.1 O Retorno do Sagrado	75
6.2 O Sagrado selvagem.....	76
CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS.....	82

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, objetivamos analisar a presença do sagrado na Literatura para a Crianças e Jovens, evidenciado pela oralidade, em obras de Guimarães Rosa (Literatura Brasileira) e Mia Couto (Literatura Moçambicana), e pelo eterno retorno, em obras de C. S. Lewis (Literatura Inglesa) e Alexandre Jardin (Literatura Francesa).

O sagrado é um dos fenômenos registrados na literatura. Sua recorrência nas produções literárias caracteriza-o como um elemento norteador na formação do ser. Isso, com certeza, requer do leitor um novo olhar sobre o objeto, que o faz enxergar limites além do universo profano.

A relevância da relação sagrado/literatura dá-se pelo fato de que esta tem condições de agir na mente humana, trazendo-lhe conhecimento e propondo-lhe transformações, quando necessárias, na vivência humana. Por isso ela: “[...] precisa ser urgentemente descoberta [...] como uma aventura espiritual que engaje o eu em uma experiência rica de vida, inteligência e emoções”¹. Assim, como uma ‘aventura espiritual’, a literatura revela, em diversas de suas produções, a experiência sobrenatural com a manifestação do sagrado, que não está vinculada estritamente com questões religiosas, mas volta-se para o homem e sua vivência.

Dessa forma, feito o cotejo de várias obras literárias que pudessem ser comparadas nessa perspectiva do espaço sagrado, objetivamos analisar o conto *A menina de lá* (1962), de Guimarães Rosa, e o livro *O beijo da palavrinha* (2006), de Mia Couto, tendo em vista que essas obras evidenciam aspectos relevantes sobre esse assunto a serem discutidos nesta pesquisa. Ambas as obras revelam a

¹ COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, método* 7.ed., São Paulo: Moderna, 2006. p. 32.

configuração do espaço pela oralidade, ponto este que será discutido na análise. Além disso, interessa-nos, também, observar o percurso gradativo do eterno retorno, encontrado na Modernidade tardia, que parte da imaginação ao ciberespaço, nas obras *As Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (1950), de C. S. Lewis, e *Cibermãe* (1996), de Alexandre Jardin. A análise dessas produções literárias permitem um diálogo da literatura com o sagrado na atualidade.

Entendemos que este estudo nos permite ver, na literatura, a formação da identidade do homem no contato com o sagrado e em seu reencontro consigo mesmo a partir do encontro com o seu Princípio.

A justificativa para nossa proposta está no fato de que, a partir da segunda metade do século XX, mais especificamente na década de 70, podemos dizer que houve uma redescoberta da fantasia marcada pelo hibridismo (parte do real e introduz o imaginário, anulando os limites entre um e outro)². Instaura-se, portanto, um novo mundo, o mundo maravilhoso, que desencadeia uma nova tendência na Literatura para Crianças e Jovens: a releitura do mito. Reler mitos significa estar de novo em contato com aspectos existentes no domínio sagrado. Assim, este marca mais uma vez seu espaço, revelando experiências humanas, o que faz desse tema um vasto campo para a pesquisa.

Assim, o estudo desse assunto a partir de literaturas que expressam elementos da oralidade, como *A menina de lá* e *O beijo da palavrinha*, possibilita a identificação do princípio da solidariedade na literatura, no qual interagem universos distintos e, ao mesmo tempo, convergentes. Assim, também, a identificação do princípio do eterno retorno, nas obras *As Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa* e *Cibermãe*, contribui para a compreensão do homem e sua relação

² COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil. Das Origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo* 4.ed., São Paulo: Ática, 1991, p. 265.

com um espaço, cujo domínio é o sagrado. Em contato com esse espaço (terras mágicas, portais de acesso, etc.) por meio da imaginação, o homem é transformado.

Para a articulação teórica do sagrado, recorreremos à Sociologia e à Antropologia com o intuito de entender como o sagrado é visto pelo homem e pela sociedade. Por isso, ressaltamos que nossa proposta não é elucidar o sagrado do ponto de vista religioso, mas promover uma discussão acadêmica sobre esse elemento presente na vida do homem.

Tendo em vista que esta dissertação se dá na área de Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa, utilizamos como método comparativista o estudo de temas ou tematologia, proposto por Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux, em sua obra *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Para isso, desenvolvemos a pesquisa em capítulos, em que se discutem aspectos relevantes à compreensão do espaço sagrado na Literatura para Crianças e Jovens.

No primeiro capítulo, “DESBRAVANDO TERRAS E DESCOBRINDO CAMINHOS: O ESPAÇO SAGRADO”, propomos a leitura sociológica do sagrado. Para isso, abordamos a fenomenologia do sagrado, a relação do sagrado com o homem e as características da sua manifestação. Em seguida, discorreremos sobre a função do espaço sagrado e sua relação com o mito, o rito e os arquétipos.

No segundo capítulo, “PERCORRENDO CAMINHOS DA FANTASIA, DA IMAGINAÇÃO E DOS SONHOS: A LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS”, apresentamos uma reflexão a respeito da Literatura para Crianças e Jovens. Nossa intenção é refletir sobre o destinatário da literatura, a função da Literatura para Crianças e Jovens e sua expressão na era cibernética.

No terceiro capítulo, “RELAÇÕES, DIÁLOGOS E TEMAS: O COMPARATIVISMO”, nosso trabalho se volta para o método comparativista utilizado

nas análises das obras selecionadas. Dessa maneira, trazemos ao leitor uma abordagem sobre o estudo de temas e como esse método se adapta à nossa proposta de análise.

No quarto capítulo, “SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS, RECORRÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS: OBRAS EM CONFRONTO”, analisamos as obras *A menina de lá*, de Guimarães Rosa, e *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto, ressaltando como o espaço sagrado se circunscreve nas obras em questão.

No quinto capítulo, “DA MODERNIDADE À INFOERA: A LITERATURA DE FICÇÃO EM DIÁLOGO”, analisamos as obras *As Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, de C. S. Lewis, e *Cibermãe*, de Alexandre Jardin, tendo em vista a forte presença do retorno do espaço sagrado nessas obras.

No sexto capítulo, “SEGUINDO VESTÍGIOS E SOMBRAS, DESCOBERTAS E RELEITURAS: O RETORNO DO SAGRADO NA MODERNIDADE”, discutimos o mito do eterno retorno e também o retorno do sagrado na modernidade tardia com sua nova configuração: o ‘sagrado selvagem’, à luz da proposta do sociólogo Roger Bastide.

Por fim, nesta pesquisa, nosso objetivo é proporcionar uma leitura voltada ao homem, uma vez que, ao refletir sobre o sagrado, nos aventuramos em uma jornada antropológica do sagrado, priorizando sua identificação na Literatura para Crianças e Jovens. Assim, esperamos que todas as crianças que existem dentro de nós sejam despertadas para a fantasia e para a imaginação na doce e, muitas vezes, amarga aventura do viver.

1 DESBRAVANDO TERRAS E DESCOBRINDO CAMINHOS: O ESPAÇO SAGRADO

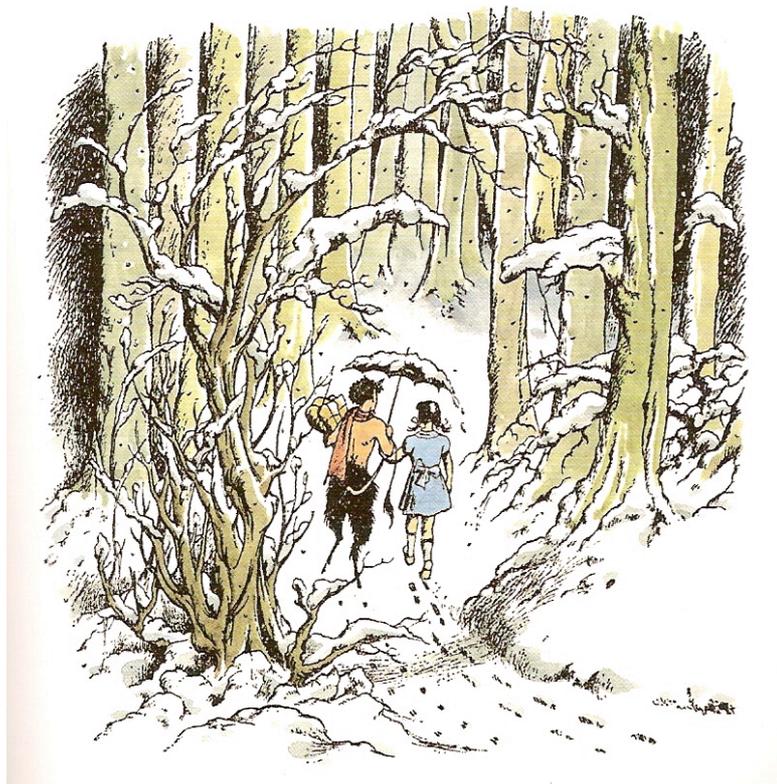


Figura 2. Ilustração de Pauline Baynes para da obra *The chronicles of Narnia: the Lion, the witch and the wardrobe*, de C. S. Lewis.

Em certo lugar foi surpreendido pelo pôr-do-sol e ali passou a noite. Tomou uma das pedras do local, fez dela seu travesseiro e deitou-se neste lugar. **Ele teve um sonho:** eis que da terra se erguia uma escada cujo topo atingia o céu [...] Jacó despertou do sono e exclamou: “Como este lugar é terrível! É a própria casa de Deus, **a porta do céu!**”³ (grifo nosso)

³ BÍBLIA SAGRADA — Tradução Ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 60, 61.

1.1 A fenomenologia do sagrado

Ao longo dos anos, vários pensadores têm proposto várias reflexões sobre o sagrado. Dentre eles, destacam-se Émile Durkheim, Pierre Bourdieu, Peter Berger, Rudolf Otto, Mircea Eliade, Roger Bastide, entre outros. Sob uma lente antropológica, analisam o sagrado e sua manifestação na vida humana. Dessa forma, nesta seção, exporemos algumas perspectivas antropológicas dessa fenomenologia, a fim de compreendermos sua expressão na sociedade.

O termo *Fenomenologia do Sagrado*⁴ é utilizado para designar o sagrado como fenômeno social, isto é, o sagrado como um elemento oriundo da própria sociedade, social por natureza. Contudo, também faz parte da fenomenologia do sagrado o fenômeno de manifestação que se expressa na vida social, contudo sua origem enquanto elemento sagrado é soberana. A fim de compreendermos melhor a fenomenologia do sagrado, discorreremos sobre esse elemento como fenômeno social, com base em Émile Durkheim, e, por conseguinte, exporemos o sagrado como fenômeno de manifestação, à luz de Rudolf Otto e Mircea Eliade.

1.1.1 A antropologia do sagrado

A fim de analisarmos a relação existente entre o sagrado e o homem, recorreremos à tese de Émile Durkheim, exposta em sua obra *Formas Elementares da Vida Religiosa*, editada em 1912. O autor justifica seu estudo a partir da premissa de que todas as religiões possuem uma mesma matriz. Assim, não é necessário o

⁴ O termo *phenomenology of manifestation*, foi utilizado por Paul Ricoeur, para designar o estudo comparativo das religiões. (RICOEUR, Paul. *Figuring the Sacred: religion, narrative and imagination* Minneapolis: Fortress Press, 1995, p. 49.)

estudo de várias manifestações religiosas para o entendimento do sagrado e do homem.

Durkheim entende que uma ciência positiva parte da realidade atual, da observação dos fatos para, assim, revelar aspectos essenciais da humanidade: “[...] como toda ciência positiva, antes de tudo, ela tem como objetivo explicar uma realidade atual, próxima de nós, por conseguinte, capaz de tocar nossas idéias e nossos atos: essa realidade é o homem [...]”⁵

A partir do estudo de uma religião primitiva, o autor pressupõe a existência de uma base comum a toda religião posterior, uma vez que no primitivo há uma homogeneidade. Esta, por sua vez, torna mais fácil o entendimento do pensamento: “[...] as religiões primitivas [...] apresentam também a grande vantagem de facilitar a sua explicação. Como nelas os fatos são mais simples, as relações entre os fatos são também transparentes.”⁶ Além disso, o autor argumenta que os fenômenos religiosos proporcionam a rediscussão de problemas que, até então, foram tratados por outras áreas do conhecimento, principalmente pela Filosofia. Com isso, ele conclui que as manifestações da vida religiosa refletem a coletividade e, por conseguinte, a vida social: “A conclusão geral deste livro é que a religião é coisa eminentemente social.”⁷

Para ele, tratar das características da religião não é, necessariamente, observar o sobrenatural. Não há associação entre religião e sobrenatural, pois a ideia de mistério é posterior à história das religiões e incomum às sociedades tradicionais, caracterizadas por um mundo de evidências: “Foi a ciência, e não a

⁵ DURKHEIM, Émile. *Formas Elementares da Vida Religiosa* Trad. Joaquim Pereira Neto. 2.ed., São Paulo: Paulus, 1989, p. 29.

⁶ Idem, *Ibidem*, p. 35.

⁷ Idem, *Ibidem*, p. 38.

religião, que ensinou aos homens que as coisas são complexas e difíceis de se compreender.”⁸

Durkheim rejeita a ideia de divindade para definir a religião: “[...] há ritos sem deuses, e há até ritos dos quais derivam deuses.”⁹

Dessa forma, a religião é o todo formado por partes menores e, portanto, é melhor estudar as partes para ter-se a noção do todo: “Os fenômenos religiosos ordenam-se naturalmente em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos [...]”¹⁰. Cada fato religioso é a fonte em que o ser humano busca energia necessária para viver. Contudo, não é na natureza ou no universo que nascem as representações religiosas e, sim, na realidade de vida dos homens, coletivamente.

Ao estudar o totemismo australiano, Durkheim percebeu que a vida social e a vida religiosa se relacionam em sistema de organização. O autor constatou que a crença no **totem**¹¹ organizou o **clã** (espécie), e os vários **clãs** deram origem à tribo (totalidade). Portanto, o **mana**¹², expresso no **totem**, é uma força que induz efeitos físicos diretos, sendo uma potência moral formidável que liga os indivíduos do **clã** e os obriga a agir de determinada forma.

O **clã** e seu deus são a mesma coisa. Na sociedade, a comunhão das consciências nasce do sentimento de dependência partilhada pelos indivíduos. Deus

⁸ DURKHEIM, Émile. Op. Cit., p. 58.

⁹ Idem, Ibidem, p. 67.

¹⁰ Idem, Ibidem, p. 67.

¹¹ “Planta, animal, certos objetos ou fenômenos naturais de que os clãs ou sipes de certas sociedades primitivas derivam seus nomes e aos quais se sentem ligados de maneira específica. Às vezes, essa relação consiste na crença de que os membros do clã ou da sipe são descendentes do totem. Em outras sociedades existe apenas um mito referente a certas experiências sobrenaturais que um antepassado remoto teve com o totem [...]” (AZEVEDO, Fernando. (Org.). *Dicionário de Sociologia* 6.ed., Porto Alegre: Globo, 1974, p. 346.)

¹² “É um termo da Oceania [...] amplamente conhecido em muitas línguas oceânicas antes de atrair a atenção dos antropólogos como termo técnico. A primeira referência de um dicionário a mana, na Polinésia, se deve a L. Andrews, que traduziu o termo por ‘poder, força, poder sobrenatural, poder divino’ [...] muitos procuram generalizar o conceito, tendo em mente um elemento básico que existe tanto a religião como na magia [...] força divina (R. T. Handy); princípio totêmico (É. Durkheim); verdade (A. M. Hocart); santidade (J. Snaith); à sorte (H. I. Hgbin, M. J. Herskovits) [...]” (SILVA, Benedicto, (Org.) *Dicionário de Ciências Sociais* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986, p. 713.)

não é só uma autoridade, mas uma força sobre a qual se apoia o *mana*. A força religiosa é o sentimento que a coletividade inspira em seus membros, projetado fora das consciências que a experimentam.

Assim, ele distingue em duas classes a experiência religiosa: a primária, em que se dá o contato emocional com o princípio divino; a secundária, na qual a experiência se socializa e se racionaliza em crenças e cultos.

As contribuições de Durkheim para a sociologia do conhecimento se resumem em: a) religião implica conhecimento porque dos dois saem a sociedade; b) religião (no aspecto moral) e ciência (no sentido lógico) estão centradas nos princípios de individualidade, e esses dois elementos são necessários para a vida social. O conhecimento científico submete a religião a um aperfeiçoamento metodológico e, por isso, não há necessidade de a religião desaparecer com a supervalorização da ciência na modernidade.

Além disso, podemos afirmar que o individualismo e o livre-pensamento não datam da modernidade, nem mesmo da queda do politeísmo greco-romano ou das teocracias orientais, mas sempre existiu ao longo da História.

1.1.2 O sagrado e sua manifestação

Dentre os teóricos da hermenêutica do sagrado que discutem a fenomenologia da manifestação, destacamos Rudolf Otto e Mircea Eliade. A partir do pensamento desses autores, nosso intuito é observar os principais elementos da Fenomenologia da Manifestação, tais como: o *mysterium tremendum et fascinans*, a ambiguidade do sagrado, a hierofania, o espaço sagrado, a relação entre o sagrado, o mito e o rito, tendo em vista que abrangem as experiências humanas

com o sagrado e as mudanças ocorridas na vida social oriundas de sua manifestação.

1.1.2.1 O *mysterium tremendum et fascinans*

O termo sagrado possui vários conceitos uma vez que é encontrado em várias línguas. Convém, portanto, observar como o termo se configura em cada língua, como um elemento significativo.

Na antiguidade, os gregos utilizaram a expressão ***hagnos***¹³ para designar os objetos de temor religioso e de veneração, perfeitos e sem mancha. Além disso, empregaram o termo ***hagios*** para definir uma situação dupla: “[...] positiva, ‘aquilo que está carregado de presença divina’, e negativa, ‘aquilo que está proibido ao contato dos homens’”¹⁴. Já os romanos empregaram o termo ***sanctus*** com o propósito de especificar o cumprimento dos rituais diante do sagrado: “[...] consagrado aos deuses e carregado de uma mácula indelével, augusto e maldito, digno de veneração e despertando horror.”¹⁵

Na modernidade, os estudiosos das Ciências da Religião acrescentaram os termos ***tabu***¹⁶ e ***heilig***¹⁷ para definir o sagrado. O primeiro termo era utilizado no

¹³ O termo grego é “αγνος: 1. puro; casto; sacro (deuses e coisas divinas) 2. livre de contato maléfico; puro [...]” (MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria C. C. & NEVES, Maria H. M, (Coords.). *Dicionário Greco-Português* Cotia: Ateliê Editorial, 2006, p. 7.)

¹⁴ BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das Instituições Indo-européias; poder, direito e religião* Trad. Denise Bottmann, Eleonora Bottmann. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p. 181.

¹⁵ Idem, *Ibidem*, p. 189.

¹⁶ “A palavra ***tabu*** chegou às línguas européias pela primeira vez em conseqüência da terceira viagem do capitão *James Cook*. Observações realizadas na Polinésia – sobre o comportamento com referência a chefes, vítimas de sacrifícios humanos, pessoas que haviam tocado em cadáver etc. – estabeleceram o significado de tabu com ‘consagrado’ [...] na Sociologia, e mais especificamente na antropologia [...] deu-se grande atenção à dualidade considerada inerente à noção de tabu [...] juntou-se à qualidade do sagrado ou sacro a do proibido, ou do impuro, ou do perigoso [...]” (SILVA, Benedicto, (Org.). *Dicionário de Ciências Sociais* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986, p. 1197.)

¹⁷ “Santo, *adj. heilig, fromm, gottselig* [...]” (Dicionários editora — Dicionário de Português-Alemão — Porto – Portugal: Porto Editora, 1994, p. 917.)

passado pelos polinésios a fim de nomear um lugar, um objeto, uma ação ou qualquer outro elemento que esteja em contato com o sagrado. Já o segundo termo tem origem na língua alemã e é entendido como algo ‘próprio’ e, ao mesmo tempo, ‘diverso’. Dessa forma, tudo o que foi dedicado ao que é ‘próprio’ passa a ser considerado propriedade sagrada, e pode ser considerado santo.

Em muitas outras línguas, o termo sagrado revela uma manifestação presente na vida humana, tendo sido discutido por muitos autores, como Rudolf Otto no início do século XX, em sua obra intitulada *O sagrado*. O referido autor não desejou definir o sagrado como um atributo absolutamente moral ou ainda como algo bom. Sua proposta partiu da identificação de um elemento que estivesse presente em todas as religiões, o **numinoso**¹⁸:

[...] Para tal eu cunho o termo o *numinoso* (já que do latim *omen* se pode formar *ominoso*, de numen, então, numinoso), referindo-me a uma categoria numinosa de interpretação e valoração bem como a um estado psíquico numinoso que sempre ocorre quando aquela é aplicada, ou seja, onde julga-se tratar-se de objeto numinoso. (grifo do autor)¹⁹

Otto utilizou o termo **numinoso** para definir a experiência com o sagrado como algo particular em cada homem: “[...] não é ensinável em sentido estrito, mas apenas estimulável, despertável – como tudo aquilo que provém ‘do espírito’.”²⁰ (grifo do autor)

Tal experiência suscita no homem um sentimento de criatura que se vê diante de ‘um outro’ que está fora de si. O ‘outro’ é justamente o objeto **numinoso**.²¹

¹⁸ O termo é derivado do latim *numen* e significa “divindade, deus, deusa, objecto d’um culto, força, poder.” (SARAIVA, F. R. Santos. *Dicionário Latino-Português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico* 11.ed., Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000, p. 791.)

¹⁹ OTTO, Rudolf. *O Sagrado* Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 38.

²⁰ Idem, *Ibidem*, p. 39.

²¹ Idem, *Ibidem*, p. 42.

Assim, o sagrado equivale ao que Otto chamou de **ganz**²² **andere**²³. Essa expressão alemã designa o **numinoso** como o ‘totalmente outro’ e ‘qualitativamente diverso’. Devido a essa alteridade do sagrado, o homem se vê diante de algo terrível, poderoso e assombroso. Ao mesmo tempo o **numinoso** é o que aterroriza (**mysterium**), impõe temor, faz tremer (**tremendum**) e fascina (**fascinans**): “Como ele é irracional, ou seja, não pode ser explicitado em conceitos, somente poderá ser indicado pela reação especial de sentimento desencadeado na psique: ‘Sua natureza é do tipo que arrebatava e move uma psique humana com tal e tal sentimento.’”²⁴ E acrescenta:

[...] pode temporariamente excitar e invadir também a nós com um poder que quase confunde os sentidos, ou se o acompanharmos com empatia e sintonia em outros ao nosso redor, nos fortes surtos de espiritualidade e suas manifestações no estado de espírito, no caráter solene e na atmosfera de ritos e cultos, naquilo que ronda igrejas, templos, prédios e monumentos religiosos, sugere-se-nos necessariamente a sensação do *mysterium tremendum*, do mistério arrepiante. Essa sensação pode ser uma suave maré a invadir nosso ânimo [...]”²⁵ (grifo do autor)

Portanto, o homem, quando se vê diante desse mistério, pode apreender algo que jamais poderia ser ensinado.

Ao longo deste trabalho, notaremos que a Literatura para Crianças e Jovens, sendo literatura, imprime e exprime o homem, ressaltando, dentre seus grandes temas, a beleza da experiência com o sagrado na vida humana.

²² “Inteiro, *adj.* Ganz [...] completo, intacto, perfeito” (Dicionários editora — *Dicionário de Português-Alemão* — Porto – Portugal: Porto Editora, 1994, p. 602.)

²³ “Outro, *Pron. Indef.* [...] anders [...] o outro, *der andere* [...]” (Dicionários editora — *Dicionário de Português-Alemão* — Porto – Portugal: Porto Editora, 1994, p. 755.)

²⁴ OTTO, Rudolf. Op. Cit., p. 44.

²⁵ Idem, *Ibidem*, p. 44.

1.1.2.2 A ambiguidade do sagrado

Embora a experiência com o *numinoso* seja de difícil delimitação, podemos descrever a maneira como ela se manifesta e a ambiguidade existente no sagrado. Para isso nos apoiaremos em Mircea Eliade, que se propôs elucidar a manifestação do sagrado a partir das contribuições feitas por Rudolf Otto:

Passados quarenta anos, as análises de R. Otto guardam ainda seu valor; o leitor tirará proveito da leitura e da mediação delas. Mas nas páginas que seguem situamo-nos numa outra perspectiva. Propomo-nos apresentar o fenômeno do sagrado em toda a sua complexidade, e não apenas no que ele comporta de *irracional*. Não é a relação entre os elementos não-racional e racional da religião que nos interessa, mas sim *o sagrado na sua totalidade*.²⁶ (grifo do autor)

O termo ambiguidade designa ‘uma harmonia dos contrastes’ existentes na manifestação do sagrado. Quando o sagrado se manifesta o homem toma seu conhecimento porque entra em contato com algo distinto do profano. Apesar de sagrado e profano serem considerados opostos, não devemos entender o profano como algo mau ou ruim.

O profano compreende a realidade com a ausência do sagrado. É o cotidiano praticado sem a virtude do sagrado e, por isso, pode ser identificado como provisório e mutável, caracterizando-se por ausência de poder e interdições sobrenaturais.

Já o sagrado equivale à realidade por excelência,²⁷ isto é, a realidade ideal. Nesse sentido, podemos afirmar que o sagrado contém o profano (enquanto

²⁶ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 16,17.

²⁷ Idem, *Ibidem*, p. 18.

cotidiano e realidade) e transcende para algo poderoso e eficaz: “potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia.”²⁸

Dessa forma, a manifestação do sagrado promove rompimento com o profano e, também, uma experiência ‘supraempírica’, isto é, que tem importância além da realidade comum, formando, assim, algo diferente na vida social.

A partir dessa relação sagrado e profano, podemos elencar a harmonia de contrastes inerentes ao sagrado: a) é fasto e inefasto; b) é interdito e contagiante; c) provoca euforia e disforia; d) promove atração e repulsa; e) é coletivo (na sociedade) e individual (biopsicológico com seus “apetites” individuais).

Portanto, a primeira característica da manifestação do sagrado se dá em sua relação com o profano e isso, por sua vez, gera a ambiguidade já descrita. Além disso, essa perspectiva nos faz entender que: “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história.”²⁹ Resta-nos pôr sob consideração como o sagrado se manifesta.

1.1.2.3 A hierofania

O termo hierofania foi utilizado por Mircea Eliade para indicar o ato da manifestação do sagrado:

Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que *algo de sagrado se nos revela*. Poder-se-ia dizer que a história das religiões - desde as mais primitivas às mais elaboradas - é constituída por um número considerável de

²⁸ ELIADE, Mircea. Op. Cit., p. 18.

²⁹ Idem, Ibidem, p. 20.

hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas.³⁰ (grifo do autor)

Embora não possamos definir o sagrado, podemos observá-lo em suas hierofanias. Quando um lugar ou objeto manifesta o sagrado, esses elementos tornam-se outra coisa e, ao mesmo tempo, continuam a ser eles mesmos, isto é, permanecem como sempre foram. Por exemplo, podemos dizer que uma pedra considerada sagrada continua a ser uma pedra, além de manifestar algo sobrenatural.

Assim, a admiração diante de um objeto sagrado não se dá pelo objeto em si, mas porque há algo além, que não é o objeto, como afirma Mircea Eliade: “[...] justamente porque são *hierofanias*, porque *revelam* algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o *ganz andere*.”³¹ (grifo do autor)

Vale ressaltar que a hierofania não desqualifica o objeto em seu estado natural. O sagrado tão somente faz com que haja uma transmutação para uma realidade ideal. Por isso, é possível entender que: “o homem religioso deseje profundamente *ser*, participar da *realidade*, saturar-se de poder.”³² (grifo do autor) Dessa forma: “o cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania.”³³

1.1.2.4 O espaço sagrado

Mircea Eliade categoriza o espaço sagrado como heterogêneo, tendo em vista que a sua manifestação faz diferença no que, até então, era homogêneo: “Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência ‘forte’, significativo, e há outros

³⁰ ELIADE, Mircea. Op. Cit., p. 17.

³¹ Idem, Ibidem, p. 18.

³² ELIADE, Mircea. Op. Cit., p. 19.

³³ Idem, Ibidem, p. 18.

espaços não-sagrados, e por conseqüência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos.”³⁴ A hierofania não só rompe com a homogeneidade, mas também revela algo novo e real que se fixa na experiência humana como centro do mundo; também, denominado como ponto fixo:

Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta que se opõe à não-realidade da imensa extensão envolvente [...] a descoberta do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo [...] o centro equivale à criação do mundo.³⁵

Percebemos, então, que o centro do mundo tem função ontológica e existencial para o homem, uma vez que permite a este uma direção rumo à fundação do mundo, isto é, a cosmogonia.³⁶

Dessa forma, a cosmogonia resulta na realidade absoluta ou ideal e, ao mesmo tempo, proporciona a fundação do mundo, fixando os limites para, assim, estabelecer a ordem cósmica. Por outro lado, a experiência profana não contribui para essa experiência real, pelo contrário: “[...] mantém a homogeneidade e, portanto, a relatividade do espaço. Já não é possível nenhuma verdadeira orientação, porque o ‘ponto fixo’ já não goza de um estatuto ontológico único [...]”³⁷

Além disso, com a cosmogonia, há uma quebra no espaço, que gera o caos e o cosmos. À primeira vista, essa ruptura no espaço parece consequência da

³⁴ ELIADE, Mircea. Op. Cit., p. 25.

³⁵ Idem, Ibidem, p. 26.

³⁶ “[...] Cosmogonia é a parte da cosmologia que trata especificamente da criação do universo. Conquanto a cosmologia e a cosmogonia de uma sociedade tenham importância para a ciência dessa sociedade e possam, em parte, ser moldadas, por essa ciência, elas são fundamentalmente partes do sistema de crença religiosa e filosófica e tendem a ficar incrustadas no mito e no ritual, até mesmo nas sociedades civilizadas.” (SILVA, Benedicto, (Org.). Op. Cit., p. 279.)

³⁷ ELIADE, Mircea. Op. Cit., p. 27.

oposição entre um território habitado e organizado, portanto ‘cosmizado’, e o espaço desconhecido que se estende para além de suas fronteiras: “tem-se de um lado um ‘Cosmos’ e de outro um ‘Caos’.(grifo do autor)”³⁸ Portanto, o fato de o cosmos ser espaço habitado indica que já foi consagrado e, por isso, é obra dos deuses ou está em comunicação com o seu mundo.

O que contribui com a funcionalidade do centro do espaço sagrado, confirmando-a, é o fato de que ele proporciona abertura para o contato com o transcendente; trata-se de uma “porta” para as zonas cósmicas. Essa ideia está contida no termo *axis mundi*: “[...] quer dizer, ao Pilar cósmico ou à Árvore do Mundo, que, como vimos, ligam a Terra ao Céu.”³⁹

Ainda é necessário afirmar que o espaço sagrado tem função soteriológica⁴⁰, isto é, salvífica. Quando o *homo religiosus* se encontra no cosmos, no espaço sagrado, ele encontra sua identidade, fixa-se na realidade e, por conseguinte, sente-se protegido do caos e da escuridão das incertezas. Isso justifica a busca pelo espaço sagrado.

Trata-se, na verdade, da busca por si mesmo, por um ponto fixo central, que forma e resgata o interior e estimula a busca sempre crescente por segurança: “[...] o homem religioso desejava viver o mais perto possível do Centro do Mundo.”⁴¹

Todas essas concepções a respeito do espaço sagrado interagem num sistema do Mundo⁴²: a) o lugar sagrado constitui uma quebra na homogeneidade do espaço profano; b) essa quebra representa a origem do mundo; c) a comunicação

³⁸ ELIADE, Mircea. Op. Cit., p. 32s.

³⁹ Idem, Ibidem, p. 51.

⁴⁰ O termo soteriológica vem do grego διασωζω: “salvação, livramento, preservação [...] em primeira instância, o verbo bem como os substantivos denotam o ‘salvamento’ e a ‘libertação’ no sentido de evitar algum perigo que ameaça a vida. Pode ocorrer na guerra [...] ou em alto mar [...]” (COENEN, Lothar; COLIN, Brown. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* Trad. Gordon Chown. 2.ed., São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 2001.)

⁴¹ ELIADE, Mircea. Op. Cit., p. 43.

⁴² Idem, Ibidem, p. 38.

entre as zonas cósmicas é expressa indiferentemente por certo número de imagens referentes ao **Axis mundi**: “pilar, a escada, montanha, árvore, cipós, etc”⁴³; d) em volta desse eixo cósmico estende-se o centro do mundo.

1.1.2.5 O sagrado, o mito e o rito

Também julgamos necessário discorrer sobre a relação do sagrado com o mito tendo em vista que aquele exerce uma função de base com conteúdos significativos para este, ou seja, o sagrado é um substrato⁴⁴ do mito. Além disso, o mito é reatualizado pelo rito. Por isso, exporemos a relação do sagrado com o mito e o rito, tendo em vista que, na Literatura para Crianças e Jovens, muitos enredos apresentam personagens em busca de sua identidade. Por meio dos mitos e ritos, essas personagens renascem de forma sagrada, cheias de fantasia.

Conforme Mircea Eliade, o sagrado fornece ao mito o aspecto de mundo aberto, isto é, “abertura para o mundo dos valores axiológicos.”⁴⁵ E acrescenta: “É através da experiência do sagrado, portanto, que despontam as idéias de realidade, verdade e significação.”⁴⁶ (grifo do autor)

Dessa forma, o sagrado, sendo substrato do mito, resulta no entendimento de que algo existe realmente; “de que existem valores absolutos, capazes de guiar o homem e de conferir uma significação à existência humana.”⁴⁷

⁴³ ELIADE, Mircea. Op. Cit., p. 38.

⁴⁴ O termo *substrato* foi utilizado pelo escritor de literatura para crianças e jovens Ricardo Azevedo em sua dissertação, para definir a relação entre o sagrado e o mito. (AZEVEDO, Ricardo J. D. *Como o ar não tem cor, se o céu azul?: Vestígios do conto popular na Literatura Infantil* 1997. Dissertação (Mestrado em estudos comparados de literaturas de Língua Portuguesa) – FFLCH, Universidade de São Paulo, 1997.

⁴⁵ ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade* Trad. Pola Civelli. 6.ed., São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 123.

⁴⁶ Idem, *Ibidem*, p. 124.

⁴⁷ Idem, *Ibidem*, p. 124.

Portanto, essa concepção da relação entre o sagrado e o mito confere a este um caráter ‘apodítico’⁴⁸ que, por conseguinte, é reatualizado por meio do rito.

O rito exerce uma função dupla em sua relação com o sagrado. Primeiramente, ele consagra o espaço profano em espaço sagrado, que coincide com o centro do mundo (já descrito na seção anterior). Em segundo lugar, o rito, ao ‘construir’ um lugar sagrado, inicia o momento mítico do princípio: “[...] Através da repartição do ato cosmogônico, o momento concreto, no qual a construção tem lugar, é projetado para o tempo mítico [...]”⁴⁹

Assim, para que o espaço sagrado perdure como transcendental, é necessário o rito, que inicia o tempo sagrado ou mítico, promovendo a realidade absoluta e duradoura do sagrado.

A articulação entre o espaço transcendental e o tempo mítico é recorrente na Literatura para Crianças e Jovens, principalmente nos contos populares: “[...] era uma vez (*in illo tempore, ab origine*), ou seja, quando o ritual foi celebrado pela primeira vez por um deus, um ancestral, ou um herói.”⁵⁰ Além disso, “a estrada que leva para o centro é um caminho difícil [...] daquele que procura pelo caminho em direção a seu *self*, ao ‘centro do seu ser’ [...]” (grifo nosso)⁵¹

Assim, estar no centro, no tempo e espaço sagrado, por meio do rito, equivale a uma iniciação: “[...] a existência profana e ilusória de ontem dá lugar a uma nova, a uma vida que é real, duradoura e eficiente.”⁵²

Como veremos nas análises das ficções propostas para este trabalho, há uma reatualização da tradição oral (a memória popular) e uma busca pela fantasia, em

⁴⁸ “Diz-se do que é demonstrável ou do que é evidente, valendo, pois, de modo necessário.” (CUNHA, Antônio G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* 3.ed., Rio de Janeiro: Lexikon, 2007, p. 58.)

⁴⁹ ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno: cosmo e história* Trad. José Antonio Ceschin. 9.ed., São Paulo: Mercury, 2007, p. 29.

⁵⁰ ELIADE, Mircea. Op. Cit., p. 29.

⁵¹ Idem, Ibidem, p. 27.

⁵² Idem, Ibidem, p. 27.

nossos dias. Portanto, percebemos que o sagrado, o mito e o rito se reatualizam por meio de categorias (eventos sagrados e míticos) e arquétipos (indivíduos), perfazendo, assim, uma ontologia:

Poderíamos dizer que a memória popular devolve ao personagem histórico dos tempos modernos o seu significado como imitador do arquétipo, além de reproduzidor dos gestos arquetípicos – um significado sobre o qual os membros das sociedades arcaicas sempre estiveram e continuam conscientes.⁵³

Por fim, concluímos esta seção ratificando a importância do sagrado para a experiência humana, uma vez que este articula temas e serve ao mito como base: “[...] não seria o mito ainda mais verdadeiro por permitir que a história real adquirisse um significado mais rico e profundo [...]?”⁵⁴

⁵³ ELIADE, Mircea. Op. Cit., p. 44.

⁵⁴ Idem, Ibidem, p. 45.

2 PERCORRENDO CAMINHOS DA FANTASIA, DA IMAGINAÇÃO E DOS SONHOS: A LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS

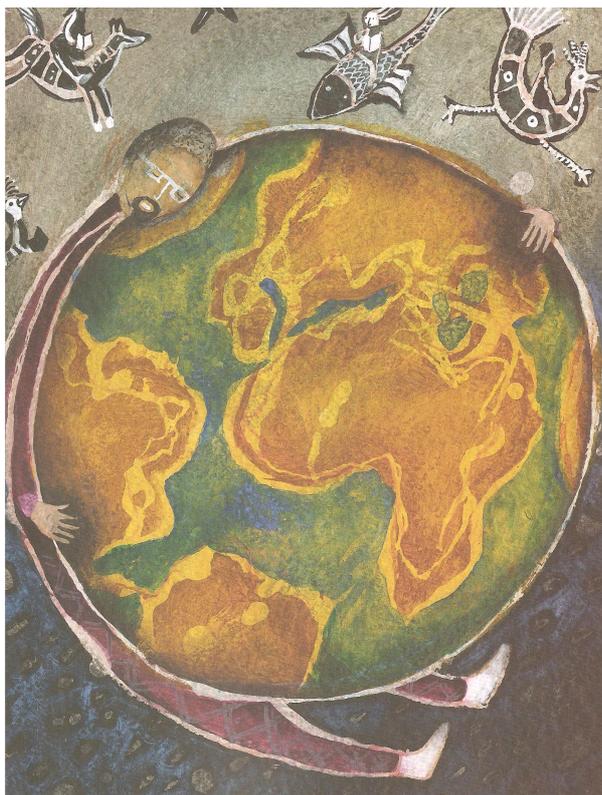


Figura 2. Ilustração de Marilda Castanha para a obra *O Gato e o Escuro*, de Mia Couto.

Não sei se alguém pode fazer livros “para” crianças. Na verdade, ninguém se apresenta como fazedor de livros “para” adultos. O que me encanta no acto da escrita é surpreender tanto a escrita como a língua em estado de infância. E lidar com o idioma como se ele estivesse ainda em fase de construção, do mesmo modo que uma criança converte o mundo inteiro num brinquedo.⁵⁵

⁵⁵ COUTO, Mia. *O Gato e o Escuro* São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008, p. 5.

Neste capítulo, faremos a exposição de algumas tentativas de conceituação de Literatura para Crianças e Jovens, tendo em vista sua função e como ela se apresenta na atualidade. Para isso, traçaremos alguns problemas relativos ao destinatário de uma literatura e, em seguida, discutiremos ‘como’ esta exerce a função de atuar singularmente na formação do homem para a vida. Além disso, refletiremos sobre o papel da Literatura para Crianças e Jovens na era cibernética, discutindo a relação entre literatura e tecnologia.

2.1 O que é Literatura para Crianças e Jovens?

Como ponto de partida, discutiremos a proposta de definição de literatura de Ezra Pound⁵⁶. Para ele, a literatura articula a linguagem e o significado não se reduzindo apenas a propósitos estritamente intelectuais, mas assimilando o ‘quanto’ se quer significar e o ‘como’ o homem se sente ao se ver expresso na literatura: “Literatura é linguagem carregada de significação. ‘Grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível.’”

A partir dessa definição, Lúcia Pimentel Góes⁵⁷ canaliza a definição de Pound para a Literatura para Crianças e Jovens, propondo a seguinte definição: “*Literatura Infantil* é linguagem carregada de significados até o máximo grau possível e dirigida ou não às crianças, mas que responda às exigências que lhe são próprias” (grifo da autora). Assim, tanto a criança como o adulto podem se aventurar na leitura de um bom livro. Em outras palavras, nada impede que uma obra destinada à criança atraia também o adulto. Essa concepção foi desenvolvida por um grande poeta da

⁵⁶ POUND, Ezra. *Abc da Literatura* Trad. Augusto de Campos; José Paulo Paes. 11.ed., São Paulo: Cultrix, 2006, p. 36.

⁵⁷ GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à Literatura Infantil e Juvenil* São Paulo: Pioneira, 1984, p. 15s.

Literatura Brasileira, Carlos Drummond de Andrade, cuja citação, embora longa, julgamos necessária para a nossa reflexão:

O gênero literatura infantil tem a meu ver existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro viagens ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado a crianças, desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser à parte? Ou será a literatura infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado – porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância? Vêm-me à lembrança as miniaturas de árvores com que se diverte o sadismo botânico dos japoneses; não são organismos naturais e plenos, são anões vegetais. A redução do homem que a literatura infantil implica dá produtos semelhantes. Há uma tristeza cômica no espetáculo desses cavalheiros amáveis e dessas senhoras não menos gentis, que, em visita a amigos, se detêm a conversar com as crianças de colo, estas inocentes e sérias, dizendo-lhes toda sorte de frases em linguagem de gente grande, apenas deformada no final das palavras e edulcoradas na pronúncia... Essas pessoas fazem oralmente, e sem o saber, literatura infantil⁵⁸

Portanto, se levarmos em consideração a literatura, a intenção criadora, a sensibilidade artística, podemos levantar a seguinte reflexão: faz sentido delimitar a literatura e dirigi-la a faixas de idade? Dessa forma, não desejamos utilizar destinatários para a literatura a partir de perspectivas ou enfoques reducionistas, muito pelo contrário, entendemos que o termo Literatura para Crianças e Jovens se aplica apenas às características da infância que, ao crescermos, nos torna melhores, mais felizes e completos:

Mas quem, em seu perfeito juízo, não manteria, se pudesse, aquela infatigável curiosidade, aquela intensidade da imaginação, aquela facilidade em suspender a incredulidade, aquele insaciável apetite,

⁵⁸ ANDRADE, Carlos Drummond, 1964, apud GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à Literatura Infantil e Juvenil* São Paulo: Pioneira, 1984.

aquela predisposição pronta a maravilhar-se, a apiedar-se, a admirar?⁵⁹

Por conseguinte, a Literatura para Crianças e Jovens fornece à criança ganhos que se perpetuam para toda a vida. De certa forma, perder o gosto pelas aventuras e pelo maravilhoso é perder nossas esperanças.

Ressaltamos que a Literatura para Crianças e Jovens se propõe gerar gostos e experiências nas várias fases da existência da criança, que se fundem e se incorporam no leitor para toda a vida. Além disso, quando lidamos com textos destinados a crianças e jovens sob a perspectiva da estética, põe-se em risco o próprio destinatário (crianças e jovens), uma vez que, não se trata mais de falar a esta ou àquela faixa de idade: “[...] mas de operar com determinadas estruturas de pensamento – as associações por semelhança – comuns a todo ser humano.”⁶⁰

2.2 A Função da Literatura para Crianças e Jovens

As produções acadêmicas sobre a função da Literatura para Crianças e Jovens têm priorizado a discussão sobre o que ‘não’ é seu objetivo principal, além de evidenciar os fatores que fazem da Literatura para Crianças e Jovens, antes de tudo, literatura.

Desde a elaboração da concepção de infância no século XVII, começou-se a pensar numa literatura específica para esse segmento, principalmente a partir do século XVIII. Contudo, o caráter dessa literatura recaía sobre o discurso didático-moralista, restringindo a literatura para as crianças a uma função educativa.

⁵⁹ LEWIS, C. S. *A Experiência de Ler* Trad. Carlos Grifo Babo. Porto: Porto Editora, 2003, p. 101.

⁶⁰ PALO, M. J.; OLIVEIRA, M. R. *Literatura Infantil Voz de Criança* 4.ed., São Paulo: Ática, 2006, p. 12.

Ocorre que o peso dessa função foi diminuindo durante o século XIX e, ainda, no século XX, a Literatura para Crianças e Jovens assumiu, de forma gradual, funções de entretenimento, utilidade e distração. Todavia, nosso propósito é enfatizar, nesta pesquisa, o aspecto antropológico na função da Literatura para Crianças e Jovens, tendo em vista que: “[...] em essência, sua natureza é a mesma da que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela *natureza do seu leitor/receptor*: a criança.”⁶¹ (grifo do autor)

Entendemos que, por razões sociais e existenciais, a criança se vê privada de um instrumento interior para a “experimentação do mundo.”⁶² Assim, ela necessita de um “suporte fora de si que lhe sirva de auxiliar. É esse lugar que a literatura infantil preenche de modo particular.”⁶³

Isso se deve ao fato de que a literatura, como arte, muda a vivência humana através do poder da palavra, ela “cria um universo autônomo, onde os seres, as coisas, os fatos, o tempo e o espaço, assemelham-se aos que podemos reconhecer no mundo real que nos cerca.”⁶⁴ E essa transformação de realidade, proporcionada pela literatura, insere o leitor no universo ficcional. Além disso, a literatura serve de suporte exterior para que o homem tenha acesso ao mundo, haja vista que, para se expressar, ela se vale de um instrumento essencial na comunicação entre os homens: a linguagem.

De acordo com Regina Zilberman⁶⁵, a Literatura para Crianças e Jovens é peculiar na experiência da criança uma vez que trabalha com dois elementos adequados para vivência, experiência e compreensão do real:

⁶¹ COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática* São Paulo: Moderna, 2000, p. 29.

⁶² ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil na Escola* 11.ed., São Paulo: Global, 2003, p. 45.

⁶³ Idem, *Ibidem*, p. 45.

⁶⁴ COELHO, Nelly Novaes. *Literatura & Linguagem* 2.ed., São Paulo: Edições Quíron, 1976. p. 23.

⁶⁵ ZILBERMAN, Regina. *Op. Cit.*, p. 45 s.

[...] — uma história, que apresenta, de maneira sistemática, as relações presentes na realidade, que a criança não pode perceber por conta própria [...] — a linguagem, que é o mediador entre a criança e o mundo. De modo que, propiciando, pela leitura, um alargamento do domínio lingüístico, a literatura preencherá uma função de conhecimento [...]

Por meio desses elementos estruturais, a criança prova a realidade de forma experiencial e, com a linguagem adquirida, pode exercitar sua decodificação do conhecimento apreendido: “[...] transforma-se num meio de acesso ao real, na medida em que facilita a ordenação de experiências existenciais, pelo conhecimento de histórias, e a expansão de seu domínio lingüístico.”⁶⁶

Outro aspecto que merece atenção é a relação da Literatura para Crianças e Jovens com a formação do leitor. Da mesma maneira que a educação, a literatura atua na formação do homem, fazendo uma trajetória peculiar que merece reflexão.

Antonio Candido⁶⁷ afirma que a literatura exerce função humanizadora na formação do homem, ou seja, ela tem: “[...] a capacidade de confirmar a humanidade do homem”. Para isso, a literatura se vale da ficção como recurso na formação do indivíduo, uma vez que ela sintetiza a realidade do leitor e o ajuda a conhecer-se melhor. Trata-se da compreensão real no ‘mundo interior’ por meio da literatura. Assim, a ficção serve-se de uma linguagem simbólica a fim de ocupar lacunas na experiência existencial:

[...] necessidade universal de ficção e de fantasia, que decerto é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares [...] a literatura propriamente dita é

⁶⁶ ZILBERMAN, Regina. Op. Cit., p. 46.

⁶⁷ CANDIDO, Antonio. *A Literatura e a Formação do Homem*. Revista do Departamento de Teoria Literária, ISBN 103-183X, Campinas: Unicamp, 1999, p. 81.

uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal [...]”⁶⁸

Essa característica da literatura, tão bem definida por Antonio Candido, faz que o leitor compartilhe “lucros e perdas”⁶⁹ da sua realidade com a realidade recriada pela ficção. Por conseguinte, essa identificação entre o texto e o leitor, em uma relação de troca cognitiva, se dá no fenômeno da leitura: “Esta não representa a absorção de uma certa mensagem, mas antes uma convivência particular com o mundo criado pelo imaginário.”⁷⁰ Através da literatura, a criança é estimulada para o desenvolvimento da linguagem e também para a liberação da criatividade e esta, por sua vez, seria: “a arma mais eficaz de transformação do mundo e portanto de ameaça a uma ordem social conhecida.”⁷¹

Portanto, ler é mais do que percorrer com os olhos uma escrita, reconhecendo os sinais e organizando-os em unidades maiores (letra, sílaba, palavra, frase); ler é decodificar pensamentos e/ou sentimentos veiculados na escrita, reconhecendo-a como uma cadeia de conceitos:

Ler é relacionar cada texto lido aos demais anteriores (textos-vida+textos lidos) para reconhecê-los, significá-los e assimilá-los; processo que dota o leitor da capacidade de admirar (olhar que apreende e aprende) e o torna um leitor-sujeito da sua própria história. O ato da leitura é revolucionário, pois transforma o leitor passivo em leitor ativo, um co-autor, doador de sentidos.⁷²

Finalizando, reforçamos que a Literatura para Crianças e Jovens atua na formação do homem, interagindo com a criança por meio da ficção. A partir dessa atuação, ela conduz o leitor ao conhecimento do mundo e do seu ser. Esse

⁶⁸ CANDIDO, Antonio. Op. Cit., p. 82s.

⁶⁹ ZILBERMAN, Regina. Op. Cit., p. 27.

⁷⁰ Idem, Ibidem, p. 28.

⁷¹ RODARI, Gianni. *Gramática da Fantasia* São Paulo: Summus, 1982, p. 10.

⁷² GÓES, Lúcia Pimentel. *Olhar de Descoberta* 2.ed., São Paulo: Paulinas, 2005, p. 17.

conhecimento, por sua vez, “propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”⁷³

2.3 A Literatura Para Crianças e Jovens na Atualidade

Nos anos 70 e 80 do século XX, ocorreu o “boom”⁷⁴ da Literatura para Crianças e Jovens, marcado por transformações internas e externas que desencadearam propostas, estilos e tendências para atualidade:

[...] a atual produção de Literatura destinada a crianças e jovens, entre nós, apresenta três tendências mais evidentes [...] 1. A *literatura realista* pretende expressar o Real [...] 2. A *literatura fantasista* apresenta o mundo maravilhoso, criado pela Imaginação, e que existe fora dos limites do Real e do senso comum [...] 3. A *literatura híbrida* parte do Real e nele introduz o Imaginário ou a Fantasia, anulando os limites entre um e outro.⁷⁵

Essas tendências atuais são fruto de um conjunto de fatores que merecem atenção, tais como, a estruturação de um capitalismo mais definido, que proporcionou um “modo industrial de produção de cultura”⁷⁶. Esse fator fez que a Literatura para Crianças e Jovens assumisse características de antigas tendências bem como um “esforço renovador”.

Este aspecto inovador, por sua vez, caracteriza-se por traços definidos desde o Modernismo de 1922, e esses traços fizeram que os livros destinados às crianças assumissem um enfoque libertador. Dessa forma, temas como a história policial e a ficção científica tornaram-se mais presentes neste segmento. Além disso, a poesia

⁷³ Zilberman, Regina. Op. Cit., p. 29.

⁷⁴ COELHO, Nelly Novaes. *Literatura: arte, conhecimento e vida* São Paulo: Ed. Peirópolis, 2000, p. 130.

⁷⁵ COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil. Das Origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo* 4.ed., São Paulo: Ática, 1991, p. 264s.

⁷⁶ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira. História e Histórias* 6.ed., São Paulo: Ática, 2006, p. 160.

para crianças assumiu uma característica “predominantemente lúdica e especulativa.”⁷⁷

Vale ressaltar, também, que a fantasia e a imaginação reencontraram seu lugar:

[...] após ter conquistado a duras penas o direito de falar com realismo e sem retoques da realidade histórica, e ao mesmo tempo que redescobre as fontes do fantástico e o imaginário, a literatura infantil contempla-se a si mesma em seus textos. E, enquanto modalidade literária, já agora se constitui em objeto de estudos acadêmicos, teses, congressos e livros [...]⁷⁸

Tendo em vista as diretrizes atuais para a Literatura para Crianças e Jovens (já esboçadas nesta seção) e sua relação com o mundo contemporâneo, nosso objetivo é elucidar a relação do livro para crianças com os códigos de outras linguagens, caracterizados pela troca de elementos e pluralidade de suportes. Todos esses fatores confluentes no livro (enquanto objeto) faz que este se apresente com uma nova forma, ou seja, como um *objeto novo*.

2.3.1 O Objeto Novo

A terminologia *objeto novo*, cunhada por Lúcia Pimentel Góes, diz respeito à pluralidade que a Literatura para Crianças e Jovens demanda. Essa pluralidade fala aos sentidos e faz uso da linguagem da percepção e, além disso, articula elementos como o imaginário, o visual, os diferentes tipos de materiais para a confecção, cores, tipos de letras, etc.

⁷⁷ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina, Op. Cit., p. 161.

⁷⁸ Idem, Ibidem, p. 161.

Dessa forma, o *objeto novo* exige do educador um novo horizonte na formação da leitura: “[...] *objeto novo* é a denominação por nós sugerida para os livros que apresentam uma concentração de linguagens de natureza *vária e variada*. Para lê-lo em fruição plena é preciso um *olhar de descoberta*”⁷⁹. (grifo do autor)

Essa leitura, pelo *olhar de descoberta*, desperta no leitor o seu repertório próprio, promovendo integração (por meio das sensações), associação (ativada pela percepção) e produção (que gera significações). Assim, no dizer de Góes, o leitor: “Conhece o texto como prática textual e intersemiótica, reconhece a inter-relação e a dialética da linguagem em movimentos circulares de renovação-revolução”⁸⁰.

Com isso, o processo de leitura desperta o leitor para a vida. Nessa perspectiva, ele possui papel ativo uma vez que passa a ser um “co-autor”, um “co-produtor” do texto⁸¹.

2.3.1.1 O Hipertexto

O olhar de descoberta para o *objeto novo* não se dá de maneira superficial, pois exige do leitor-mestre envolvimento, desenvolvimento e acompanhamento. A esse respeito, Lucia Santaella⁸² afirma:

A rapidez com que as linguagens estão crescendo parece estar exigindo de nós que nossa interação com elas não se limite ao nível puramente intuitivo, mas que possamos dialogar com elas no nível mais crítico e reflexivo.

⁷⁹ GÓES, Lúcia Pimentel. Op. Cit., p. 19.

⁸⁰ Idem, ibidem, p. 24.

⁸¹ Idem, ibidem, p. 20.

⁸² SANTAELLA, Lucia. *A Teoria Geral dos Signos. Como as Linguagens Significam as Coisas* São Paulo: Pioneira, 2000, p. 9.

Dessa forma, chamamos Italo Calvino⁸³ para fundamentar nossa reflexão sobre o hipertexto presente no *objeto novo*:

O que toma forma nos grandes romances do século XX é a idéia de uma enciclopédia *aberta*, adjetivo que certamente contradiz o substantivo *enciclopédia*, etmologicamente nascido da pretensão de exaurir o conhecimento do mundo encerrando-o num círculo. Hoje em dia não é mais pensável uma totalidade que não seja potencial, conjectural, múltiplice. (grifo do autor)

A partir do conceito descrito pelo autor, podemos afirmar que o livro se apresenta como uma vasta rede ‘hipertextual’ em constante crescimento e, dessa forma, concentra vários sentidos por meio de confluências multiespaciais e temporais.

Essa nova perspectiva vê o texto como produto de uma reunião de obras maiores, tornando-se uma ‘enciclopédia aberta’, não porque abarca o conhecimento como um todo, mas porque conjectura a multiplicidade:

[...] os livros modernos que mais admiramos nascem da confluência e do entrelaçamento de uma multiplicidade de métodos interpretativos, maneiras de pensar, estilos de expressão. Mesmo que o projeto geral tenha sido minuciosamente estudado, o que conta não é o seu encerrar-se numa figura harmoniosa, mas a força centrífuga que dele se liberta, a pluralidade das linguagens como garantia de uma verdade que não seja parcial.⁸⁴

A partir de um texto unitário, produzem-se vários outros que podem ser interpretados em vários níveis. Esses, por sua vez, geram diversos sujeitos, olhares e vozes sobre o mundo, que partem de um ‘eu’ pensante. A obra, portanto, permanece aberta e inconclusa.

⁸³ CALVINO, Italo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio* 3.ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 131.

⁸⁴ Idem, *ibidem*, p. 131.

De acordo com Italo Calvino, pensar a teoria da multiplicidade significa pôr sob consideração o entendimento de que o texto literário é um método de conhecimento.

Dessa forma, tece uma rede de conexões entre fatos, pessoas e coisas do próprio mundo. Trata-se de um 'sistema de sistemas' em que cada um condiciona os demais e é condicionado por eles.

Nessa perspectiva, cada objeto mínimo é um núcleo de relações e, por conseguinte, cada núcleo leva ao universo todo: “[...] presença simultânea dos elementos mais heterogêneos que concorrem para a determinação de cada evento.”⁸⁵

Assim, o hipertexto configura-se como um compêndio de uma tradição narrativa que se qualifica como uma enciclopédia de saberes. Por isso, a relação temporal entre passado e presente se estabelece gerando um “puzzle”⁸⁶ que retrata o homem e sua visão de mundo: “Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.”⁸⁷

2.3.2 A Literatura para Crianças e Jovens e a Cibercultura

Tendo em vista que discutiremos a relação da Literatura para Crianças e Jovens na atualidade, julgamos necessário elencar alguns fatores observados na interação entre literatura e cibercultura. A justificativa para a inclusão desse assunto se dá pelo fato de que não podemos negar as grandes conquistas tecnológicas que se encontram em violenta expansão e, aparentemente, parecem ameaçar a

⁸⁵ CALVINO, Italo. Op. Cit., p. 121.

⁸⁶ O termo é utilizado por Italo Calvino para designar o aspecto fragmentado do hiper-romance.

⁸⁷ CALVINO, Italo. Op. Cit., p. 138.

literatura. Contudo, nossa proposta é trazer uma contribuição que sirva de estímulo para o diálogo da literatura com as tendências atuais.

De acordo com Lucia Santaella, a era industrial trouxe ao homem o conceito de produção em grande escala, resultando na formação de uma cultura das massas:

[...] economias que empregam operários uniformizados e métodos repetitivos na fabricação de um produto num determinado espaço e tempo. A cultura de massas originou-se no jornal com seus coadjuvantes, o telégrafo e a fotografia. Acentuou-se com o surgimento do cinema, uma mídia feita para a recepção.⁸⁸

Assim, da cultura das massas o homem passou à cultura das mídias marcada pelo aparecimento da televisão na vida doméstica. Porém, com a introdução dos computadores pessoais e portáteis, os espectadores começaram a se transformar em usuários. Dessa forma, o homem passou da “cultura das mídias à cibercultura”⁸⁹.

Com isso, a cibercultura encontra sua face no computador e, por isso, tem natureza heterogênea, uma vez que liga vários usuários, de diferentes línguas e países distantes com culturas distintas. Em decorrência dessa heterogeneidade, elencaremos os substratos essenciais da cibercultura (o ciberespaço e a hipermídia) e verificaremos seu desdobramento na Literatura para Crianças e Jovens (a formação de um leitor imersivo).

2.3.2.1 O Ciberespaço

Adentrar ao universo da cibercultura implica a navegação interativa pelo ciberespaço. Nele o usuário passa por transformações cognitivas, uma vez que o

⁸⁸ SANTAELLA, Lucia. *Culturas e Artes do pós-humano. Da cultura das mídias à Cibercultura* 3.ed., São Paulo: Paulinas, 2008, p. 79.

⁸⁹ Idem, *Ibidem*, p. 81.

ciberespaço trabalha a interação do homem com o mundo virtual. Podemos dizer, então, que o ciberespaço é o ambiente em que se desenvolve a cibercultura. Trata-se de uma realidade multidirecional, que se liga a uma rede global (a internet), por meio de computadores ligados e conectados:

A palavra “*cyberspace*” foi inventada e empregada pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, em 1984, no romance *Neuromancer*. O ciberespaço designa ali o universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Segundo Gibson, o “ciberespaço é uma alucinação consensual experienciada diariamente por bilhões de operadores legítimos [...] Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de cada computador no sistema humano.”⁹⁰ (grifo do autor)

Devemos ressaltar que o ciberespaço articula “elementos informacionais híbridos – sonoros, visuais e textuais”⁹¹ e, por isso, pode adentrar ao homem com intensa intimidade. Por conseguinte, a interação do homem conectado com o mundo virtual proporciona uma viagem pela imaginação e pela fantasia:

[...] quando se trata do ciberespaço, a imaginação voa, quase sempre em um céu de metáforas [...] As relações entre a fantasia e a experiência, expectativas e satisfações, ciência e nossos mitos culturais, são aspectos inextricáveis de sua noção de ciberespaço.⁹²

É certo que o ciberespaço se refere, genericamente, a um conjunto de tecnologias diferentes: “algumas familiares, outras só recentemente disponíveis, algumas sendo desenvolvidas e outras ainda ficcionais.”⁹³ Entretanto, todos esses conjuntos têm em comum o poder de simulação de ambientes dentro dos quais o

⁹⁰ SANTAELLA, Lucia. Op. Cit., p. 98 s.

⁹¹ SANTAELLA, Lucia. *Navegar no Ciberespaço. o perfil cognitivo do leitor imersivo* 2.ed., São Paulo: Paulinas, 2007, p. 47.

⁹² SANTAELLA, Lucia. Op. Cit., p. 100 s.

⁹³ Idem, *Ibidem*, p. 99.

homem pode interagir. A interação, por sua vez, passa a ser uma grande marca do ciberespaço, porque trabalha com uma linguagem própria: a hipermídia.

2.3.2.2 A Hipermídia

A linguagem no ciberespaço é híbrida; mescla textos, imagens, vídeos, sons.

Todos esses elementos atuam em conjunto no computador:

[...] nos sistemas cibernéticos, o conceito de texto sofre mudanças substanciais. Embora um elemento textual possa ainda ser isolado, sistemas baseados em computador são primordialmente interativos em vez de unidirecionais, abertos em vez de fixos.⁹⁴

A hipermídia é caracterizada pelo armazenamento de informações que, em interação com o receptor, coloca-o na condição de um coautor. Com isso, o usuário segue um roteiro não linear de leitura. O roteiro que lhe é apresentado está disposto em uma rede simultânea, enciclopédica:

[...] quando se navega nas redes, as associações são radicalmente imprevisíveis, como são imprevisíveis os caminhos que são seguidos a cada dia pelos usuários de uma grande biblioteca. Daí as alusões que a literatura sobre internet não se cansa de fazer à lendária biblioteca borgiana, a biblioteca de Babel, composta de infinitas galerias hexagonais.⁹⁵

Percebemos, então, que a linguagem da hipermídia é predominantemente interativa. Não há como ser um navegante nessa rede de circuitos de forma passiva:

⁹⁴ SANTAELLA, Lucia. Op. Cit., p. 93.

⁹⁵ Idem, Ibidem, p. 95.

“[...] é o usuário que determina qual informação deve ser vista [...] quanto maior a interatividade, mais profunda será a experiência de imersão do leitor [...]”⁹⁶

2.3.2.3 O Leitor imersivo

A interatividade entre o usuário do ciberespaço e a informação torna-o um coautor, uma vez que os nexos da informação são acionados por esse usuário, tendo assim a mensagem a ser divulgada:

A leitura orientada hipermidiaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapas cognitivos personalizados e intransferíveis. É, pois, uma leitura topográfica que se torna literalmente escritura [...]”⁹⁷

O leitor imersivo, ao interagir no trânsito informacional, sofre transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas: “As reações motoras, perceptivas e mentais também se fazem acompanhar por uma mudança de ritmo que é visível na agilidade dos movimentos multidirecionais, ziguezagueantes na horizontal, vertical e diagonal [...]”⁹⁸ Assim, o leitor imersivo lê, escuta e olha ao mesmo tempo.

Chamamos a reflexão de Nelly Novaes Coelho sobre a Literatura para Crianças e Jovens no ciberespaço, a fim de fundamentar nosso otimismo em dialogar a literatura com as marcas da atualidade, sem perder de vista o essencial:

[...] neste limiar do terceiro milênio, em que o *cyberspace* se expande, haverá lugar para a Literatura? A resposta, em geral, é de ceticismo. Entretanto, estamos com os que crêem que, apesar da magia eletrônica ou da voragem da informática, a Literatura

⁹⁶ SANTAELLA, Lucia. *Navegar no Ciberespaço. o perfil cognitivo do leitor imersivo* 2.ed., São Paulo: Paulus, 2007, p. 52.

⁹⁷ SANTAELLA, Lucia. Op. Cit., p. 175.

⁹⁸ Idem, *Ibidem*, p. 181.

continuará sendo um valor no mundo humano. E agora mais do que nunca.⁹⁹ (grifo do autor)

Sendo assim, relembremos que a literatura, como arte da palavra que se expressa através da linguagem, continuará a reinventar a trajetória humana para que o homem, por meio da literatura, possa construir a realidade, resgatando, assim, os valores necessários para sua subsistência:

Dessa força inventiva que nos faz sempre prosseguir, verdadeiramente só a palavra literária é capaz de expressar; sendo ela criadora e plurissignificativa, está constantemente a falar da vivência e da invenção humana em todos os tempos. Ela contém a chama renovadora da arte, corda vibrante para acordar e reacender a alma que há de iluminar a escuridão materialista e transformar o mundo dos homens.¹⁰⁰

⁹⁹ COELHO, Nelly Novaes. Op. Cit., p. 135.

¹⁰⁰ PAPES, Cleide da Costa e Silva. *A Vivência e a Invenção na Palavra Literária* São Paulo: Paulinas, 2008, p. 16.

3 RELAÇÕES, DIÁLOGOS E TEMAS: O COMPARATIVISMO

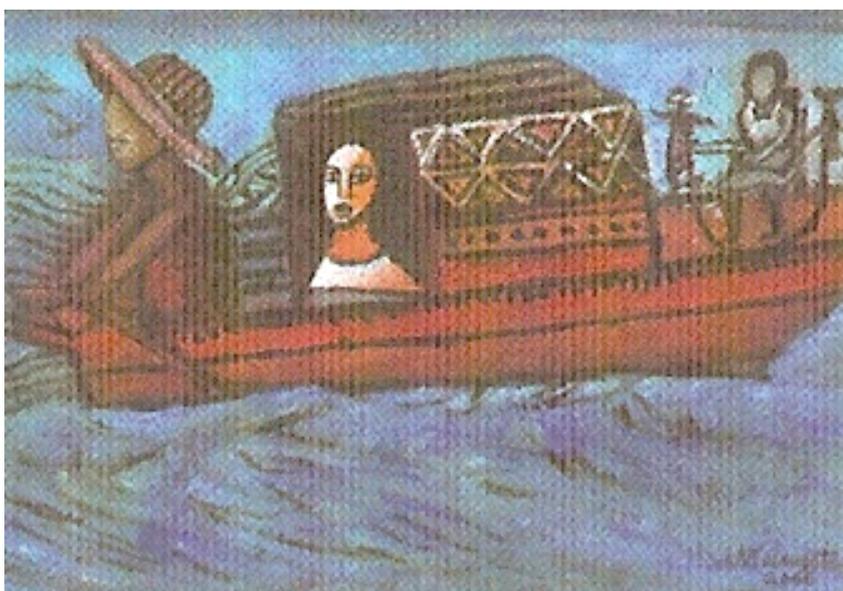


Fig. 3 Ilustração de Malangatana para a obra *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto

[...] a literatura comparada é uma forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos [...] a literatura comparada ambiciona um alcance ainda maior, que é o de contribuir para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas. Assim, a investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários permite que se ampliem os horizontes do conhecimento estético ao mesmo tempo que, pela análise contrastiva, favorece a visão crítica das literaturas nacionais.¹⁰¹

¹⁰¹ CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada* 2.ed., São Paulo: Ática, 1992, p. 74, 86.

A literatura não é apenas a documentação ou registro de uma escrita, é também, “o que se pensa e o que se vive.”¹⁰² Levando em consideração a nossa proposta de analisar o espaço sagrado na Literatura para Crianças e Jovens, recorreremos à Literatura Comparada como método de análise, por ser uma disciplina que explicita o contato entre a literatura e as múltiplas formas de atividade humana.

Nessa perspectiva, comparar obras não compreende, apenas, sujeitá-las a confronto ou comparação. De acordo com Álvaro Manuel Machado¹⁰³, propor um estudo comparativista é relacionar: “[...] duas ou mais literaturas, dois ou mais fenômenos culturais; [...] dois autores, dois textos, duas culturas de que dependem esses autores e esses textos [...] trata-se [...] de justificar de maneira sistemática essa relação estabelecida.”

Uma vez que propusemos uma leitura antropológica do espaço sagrado na literatura, nosso objetivo é confrontar obras nessa perspectiva, que prima pela análise de um elemento recorrente: o ‘tema’. Este, por sua vez, leva-nos a adentrar no texto sem deixar de considerar seu contexto. Dessa forma, utilizaremos o método do estudo de temas, dentro da Literatura Comparada, como eixo teórico e suporte para tecermos a relação entre as obras selecionadas nesta pesquisa.

3.1 O estudo de temas

O tema é visto como componente estruturador de um texto. A relação tema/estrutura faz que o tema se apresente como elemento mediador e fundador na obra: “mediador entre o homem e a sua cultura, fundador do texto, do qual constitui

¹⁰² MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura* 2.ed., Lisboa: Editorial Presença, 2001, p. 12

¹⁰³ Idem, *Ibidem*, p. 11.

as estruturas profundas (relacionando assim o texto ao imaginário colectivo e/ou individual).”¹⁰⁴

Por meio do tema, podemos acessar o imaginário individual e coletivo, inerente ao homem. Dessa forma, nossa abordagem do espaço sagrado visa a articular o universal (inerente ao homem) e o particular (como ele se manifesta em cada texto, em cada cultura). Assim, não propomos uma leitura universalizante, muito pelo contrário, nosso enfoque do espaço sagrado se dá em apresentá-lo como elemento recorrente em várias culturas, evidenciando como ele é reinvestido simbolicamente de formas diferentes: “[...] segundo o espaço cultural e o momento histórico analisado”¹⁰⁵

À luz desse olhar comparativista, com base na perspectiva do tema, analisaremos núcleos literários como: *A menina de lá*, de Guimarães Rosa e *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto; e *As Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, de C. S. Lewis e *Cibermãe*, de Alexandre Jardin. Todos esses núcleos, na relação entre as obras, transcendem os limites linguísticos e cronológicos.

Dessa forma, tecer a relação comparativista pelo estudo do espaço sagrado remete-nos à verificação de que este é um elemento cultural presente na base dos textos selecionados. Por isso, verificaremos que a relação tema/estrutura se expressa na efabulação dessas obras, assumindo que o espaço sagrado exerce a função de fio condutor que nos permite percorrer o itinerário de uma para outra obra, dentro dos seus respectivos núcleos literários.

Em outras palavras, o estudo do espaço sagrado nos leva a uma análise das redes textuais e extratextuais, nas quais esse tema se apresenta como elo. Trata-se, portanto, de uma abordagem intertextual e cultural, como veremos nas análises:

¹⁰⁴ MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. Op. Cit., p. 91.

¹⁰⁵ Idem, Ibidem, p. 91.

O estudo temático revela, afinal, claramente, as duas fases indissociáveis de investigação literária: o estudo do funcionamento interno de um texto (de um tema num texto, a leitura contribuindo para pôr em evidência, para reconstruir um conjunto de funções) e o estudo da função social e cultural desse mesmo texto.¹⁰⁶

¹⁰⁶ MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. Op. Cit., p. 94.

4 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS, RECORRÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS: OBRAS EM CONFRONTO



Fig. 4 Símbolo do infinito

[...] que a ele o mar lhe havia aberto a porta para o infinito [...] — Quem nunca viu o mar não sabe o que é chorar!¹⁰⁷

[...] Suspirava, depois: — “Eu quero ir para lá”¹⁰⁸

¹⁰⁷ COUTO, Mia. *O beijo da palavrinha* Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.

¹⁰⁸ ROSA, Guimarães. *Primeiras Estórias* edição especial, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

4.1 O espaço sagrado em *A menina de lá* de Guimarães Rosa

O conto *A menina de lá* integra a obra *Primeiras Estórias* publicada em 1962. De acordo com Nilce Sant'Anna Martins¹⁰⁹, o termo 'estórias' foi utilizado para definir as narrativas ficcionais, diferenciando-as, assim, da história, que faz referência à passagem de tempo, e da História, como área do conhecimento.

De um modo geral, a obra de Guimarães Rosa articula o maravilhoso e o fantástico na vida cotidiana. Suas personagens apresentam meios míticos e/ou metafísicos de transporte para outras realidades. Nesse sentido, o crítico literário, Alfredo Bosi,¹¹⁰ denomina essa marca na obra de Guimarães Rosa como "círculo da invenção mitopoética" e argumenta:

[...] que tende a romper com a entidade tipológica "romance" superando-a no tecido da linguagem e da escritura, isto é, no nível da própria matéria da criação literária. A experiência estética de Guimarães Rosa [...] entende renovar por dentro o ato de escrever ficção [...] situa o processo literário na construção de uma outra realidade.

Tendo em vista a nossa temática para este trabalho, destacamos o fato de que na obra de Guimarães Rosa o portal de acesso para além dos limites do espaço do homem se dá pelo poder da palavra, que se concretiza na fragmentação da sintaxe, e pelas marcas do sagrado presentes no conto.

Tanto nas falas da personagem Nhinhinha como na narrativa é possível observar a valorização da palavra em detrimento de sua ordenação sintática — pressupostamente, racional e lógica. Assim, entrecruzam-se as falas do narrador e da personagem em um jogo de interação e sublimação da palavra a despeito do uso

¹⁰⁹ MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa* 2.ed., São Paulo: Edusp, 2001, p. 209.

¹¹⁰ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira* 43.ed., São Paulo: Cultrix, 2006, p. 394.

lógico de conectivos: “— ‘*Eu queria o sapo vir aqui.*’ Se bem a ouviram, pensaram fosse um patranhar, o de seus disparates, de sempre”.¹¹¹ A ausência da conjunção subordinativa na fala de Nhinhinha e no dizer do narrador revela o primitivismo característico do sertão, que aqui funciona como resposta a questões da humanidade. Delineia-se, então, um retorno à essência humana, em que o irracional se torna o ponto de partida para a compreensão do mundo. No conto, a linguagem potencializa a ambiguidade, na medida em que o que se diz não se diz e não se sabe: “... e, vai ver, quem e o quê, jamais se saberia”.¹¹²

Além disso, o conto *A menina de lá* evidencia bem as marcas do sagrado na obra de Guimarães Rosa. A protagonista da estória, Nhinhinha, mostra a vivência no espaço profano e a necessidade da transcendência ao espaço sagrado. Ao retratar questões regionais¹¹³ o autor abarca questões inerentes a todo homem, confirmando, assim, o conceito de que o regionalismo presente em sua obra tem correspondência universal.

Os anseios de Nhinhinha evidenciam o questionamento de viver-se em um espaço profano em contraposição com o desejo de estar no espaço sagrado:

O que falava, às vezes era comum, a gente é que ouvia exagerado: — “*Alturas de urubuir...*” Não, dissera só: — “... *altura de urubu não ir.*” O dedinho chegava quase no céu. Lembrou-se de : — “*Jabuticaba de vem-me-ver...*” Suspirava, depois: — “*Eu quero ir para lá.*” — Aonde? — “*Não sei.*” (grifo do autor)¹¹⁴

Ao empregar o advérbio ‘lá’ para expressar seu desejo por outro lugar, Nhinhinha marca a ausência de algo no espaço ‘daqui’. Trata-se de uma experiência

¹¹¹ ROSA, Guimarães. Op. Cit., p. 67

¹¹² Idem, Ibidem, p. 65

¹¹³ O espaço regional descrito na obra de *Guimarães Rosa* retrata o sertão do sul da Bahia, norte de Minas e, norte e nordeste de Goiás.

¹¹⁴ ROSA, Guimarães. Op. Cit., p. 66.

que a razão e o materialismo não proporcionam e, por conseguinte, também não explicam.

Na oposição 'aqui' e 'lá', Nhinhinha nos mostra a oscilação entre o espaço profano e o espaço sagrado. O primeiro se apresenta como sombra do segundo, ou seja, o espaço profano é uma projeção do espaço sagrado. No entanto, este se configura em formas e conceitos sublimes, transcendentais, enfim, perfeitos.

Essa oscilação entre espaços conduz a personagem a uma passagem que, como dito no início desta seção, se dá pelo poder da palavra. A palavra de Nhinhinha serve de portal para o acesso ao mundo dos sonhos. Por conseguinte, ela acaba se tornando agente de uma epifania que, por sua vez, proporciona o contato com o espaço sagrado: “Sei, porém, que foi por aí que ela começou a fazer milagres.”¹¹⁵

Os desejos e as palavras da menina passam a trazer à existência milagres. Contudo, estes não são de natureza divina. O termo milagre vem do grego¹¹⁶ e significa “admiração, maravilhar-se, ficar atônito, assombro, medo, comoção, olhar além, mirar”, e é justamente, nesse aspecto, que a menina exerce essa proeza. Dessa forma, os milagres de Nhinhinha expressam a maravilha e a admiração daquilo que pode ser considerado como desprovido de juízo: “Nhinhinha não quer a chuva em tempo de seca, mas quer o arco-íris [...] olhar para as coisas sem perder a capacidade de maravilhamento é ter olhos para o inútil e esse é o grande milagre.”¹¹⁷

Portanto, o espaço sagrado não é descoberto por caminhos considerados como verdadeiros, pois, se assim o fosse, não haveria surpresa alguma. Nhinhinha

¹¹⁵ ROSA, Guimarães. Op. Cit., p. 67.

¹¹⁶ “θαυμά” (COENEN, Lothar; COLIN, Brown. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* Trad. Gordon Chown. 2.ed., São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1282.)

¹¹⁷ JAFFE, Noemi. *Rosa é Substantivo* Revista da Cultura, 12.ed., São Paulo: Editora Livre, 2008, p. 20.

nos mostra que o anseio pelo sagrado se dá em concomitância com o desejo por tudo que é belo. Dessa forma, não comunga com um desejo utilitarista e, portanto, reducionista:

[...] queria o arco-íris. Choveu. E logo aparecia o arco-da-velha, sobressaído em verde e o vermelho – que era mais um vivo cor-de-rosa. Nhinhinha se alegrou, fora do sério, à tarde do dia, com a refrescação. Fez o que nunca se lhe vira, pular e correr por casa e quintal.¹¹⁸

4.2 O espaço sagrado em *O beijo da palavrinha* de Mia Couto

*O beijo da palavrinha*¹¹⁹, publicado em 2006, é o segundo livro destinado à crianças e jovens do autor moçambicano Mia Couto. A obra faz parte da coleção *Mama África*, publicada pela *Língua Geral Livros*, com o objetivo de trazer a recriação dos contos tradicionais africanos.

Nela, parte do patrimônio africano é retomado, fornecendo ao leitor o trânsito temporal: a concepção da tradição oral na modernidade. Não se trata de pólos opostos (tradição e modernidade), mas de uma sociedade que se circunscreve fundamentalmente tradicional e fundamentalmente moderna.

O livro aborda questões existenciais de uma forma sensível e contribui para a formação integral de seus leitores. Para isso, a obra apresenta um enredo conciso, simples e claro. As personagens se apresentam com nomes próprios que remetem a um significado — Maria Poeirinha, Zeca Zonzo e Jaime Litorânio. Além disso, o segundo nome das personagens indica a trajetória de cada um ao longo da narrativa.

¹¹⁸ ROSA, Guimarães. Op. Cit., p. 68.

¹¹⁹ COUTO, Mia. *O beijo da palavrinha*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006. Nossa indicação dos números de páginas serve de orientação ao leitor pois, o livro não apresenta numeração de páginas em sua publicação.

O beijo da palavrinha retrata a saga existencial da personagem principal Maria Poeirinha, uma menina que vivia em uma aldeia no interior e em condições de pobreza: “[...] viviam numa aldeia tão interior que acreditavam que o rio que ali passava não tinha nem fim nem foz.”¹²⁰

Essa vida no interior da aldeia é caracterizada pela miséria, pela pobreza, pela fome, pela seca e, principalmente, pela ausência do mar. É digno de nota que Mia Couto ressalta o termo **tão interior** (grifo nosso), sugerindo uma descrição não apenas das condições geográficas e sociais da aldeia. Ao empregar o advérbio tão, o autor remete para o interior de Maria Poeirinha. Sua alma, seu espaço interior, seu íntimo, marcados pela ausência: “Era uma vez uma menina que nunca vira o mar [...]”¹²¹

Quando Maria Poeirinha se lembrava do espaço em que vivia, percebia a discrepância do seu contexto em relação à realidade das águas: “Na miséria em que viviam, nada destoava. Até Poeirinha tinha sonhos pequenos [...] mas depressa ela saía do sonho pois seus pés descalços escaldavam na areia quente. E o rio secava, engolido pelo chão.”¹²²

Maria Poeirinha tinha um irmão chamado Zeca Zonzo que, como o segundo nome sugere, vivia sempre a mercê da fantasia e da imaginação: “[...] era desprovido de juízo. Cabeça sempre no ar, as ideias lhe voavam como balões em final de festa”¹²³. Embora vivendo nas mesmas condições precárias da aldeia interiorana, Zeca Zonzo não se deixou marcar por essas condições e instigava a irmã a viver por meio dos sonhos, da fantasia e da imaginação.

¹²⁰ COUTO, MIA. *O beijo da palavrinha* Rio de Janeiro, Língua Geral, 2006, p. 3.

¹²¹ Idem, *Ibidem*, p. 3.

¹²² Idem, *Ibidem*, p. 7.

¹²³ Idem, *Ibidem*, p. 4.

Maria Poeirinha, às vezes, sonhava com a água, pensava que nela viveria outra realidade, bem diferente da sua vida interiorana: “Às vezes sonhava que ela se convertia em rio e seguia com passo lento, como a princesa de um distante livro, arrastando um manto feito de remoinhos, remendos e retalhos.”¹²⁴ Trata-se da oscilação entre sombra e sonho, entre espaço profano e espaço sagrado.

Contudo, para que essa transição aconteça, é necessário um ‘portal’¹²⁵, um elemento que sirva de passagem entre os dois mundos. Dessa forma, a obra apresenta uma terceira personagem: o tio Jaime Litorânio. Como seu segundo nome sugere, ele ressalta a necessidade da água para a vida. No contexto africano, a figura do ancião representa a tradição. Ele é o responsável pelas rodas e reuniões com o propósito de perpetuar a sabedoria. Assim, o tio Jaime Litorânio enfatiza a necessidade de se conhecer o mar: “[...] o tio Jaime Litorânio que achou grave que os seus familiares nunca tivessem conhecido os azuis do mar. Que a ele o mar lhe havia aberto a porta para o infinito.”¹²⁶

O mar simboliza a dinâmica da vida, representa o sagrado. É o lugar do mergulho de salvação por meio de morte simbólica: “[...] centro de vida, meio de purificação, centro de regenerescência [...] infinidade dos possíveis [...] fonte de todas as coisas, manifesta o transcendente e deve ser, em consequência, considerada como uma hierofania [...]”¹²⁷. O tio acentua a necessidade dessa imersão de uma forma singular: “[...] Quem nunca viu o mar não sabe o que é chorar! [...]”¹²⁸

¹²⁴ COUTO, Mia. Op. Cit., p. 7.

¹²⁵ O portal simboliza a passagem e assume um caráter dinâmico, pois convida a personagem para o acesso ao outro mundo. Trata-se de um elemento que, comumente, marca o transporte da realidade profana para a realidade sagrada.

¹²⁶ COUTO, Mia. Op. Cit., p. 8, 9.

¹²⁷ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos* Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim. 21.ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2007, p. 15 e ss.

¹²⁸ COUTO, Mia. Op. Cit., p. 11.

Maria Poeirinha adoecer e passa a esmorecer sem o mar. Dessa maneira, tio Jaime Litorânio propõe uma ‘viagem salvadora’ até o litoral, pois acreditava que sua doença era oriunda da falta de contato com o mar. Porém, o físico da menina não aguentaria o desgaste da viagem.

Coube ao irmão Zeca Zonzo proporcionar a viagem salvadora da menina enferma. Ele escreve a palavra mar em uma folha em branco e, ao passar a ponta dos dedos de Maria Poeirinha sobre as letras, levou a menina, pela imaginação, ao mar.

E assim letra a letra, o irmão levou a irmã a descobrir: “— É um ‘m’. E sorriram os dois [...] — É isso, manito. Essa letra é feita por ondas. Eu já as vi no rio.”¹²⁹

Logo em seguida, Maria Poeirinha toca a letra a: “— Essa a seguir é um ‘a’. É uma ave, uma gaivota pousada nela própria, enrodilhada perante a brisa fria.”¹³⁰. A gaivota é símbolo de luz, que rompe com a noite escura e inicia um novo amanhecer. Era o contato com o sagrado no espaço trazendo luz e rompendo com o profano: “[...] a gaivota é proprietária da luz do dia [...]”¹³¹

Por fim, vem a letra r: “— É uma letra tirada da pedra. É o ‘r’ da rocha.”¹³². Pedra indica que o divino desceu para manifestar-se entre os homens: “[...] a pedra apresenta o movimento de subida e descida [...] ela desce do céu; transmutada, ela se ergue em sua direção [...] símbolo de liberdade [...]”¹³³

Dessa forma:

¹²⁹ COUTO, Mia. Op. Cit., p. 20.

¹³⁰ Idem, Ibidem, p. 20.

¹³¹ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Op. Cit., p. 456.

¹³² COUTO, Mia. Op. Cit., p. 21.

¹³³ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Op. Cit., p. 656.

[...] as curvas das vagas oceânicas através dos contornos do m; o vôo da liberdade criadora, por intermédio da letrinha a, ave voando por entre a cosmicidade das palavras; a dureza das rochas, símbolo da resistência e da insaciabilidade dos desejos humanos por meio do r, cujas arestas arranharam-lhe a sensibilidade e acenderam-lhe a força ígnea da linguagem.¹³⁴

Maria Poeirinha fora beijada pelo mar: “[...] — Eis a mana Poeirinha que foi beijada pelo mar.”¹³⁵ Nessa viagem, a personagem transcende nos espaços, pelo portal da imaginação, adentrando no espaço sagrado. De acordo com Carmen Lucia Tindó Secco, a alegoria do beijo remete a um sentido espiritual que, em nosso trabalho, pode ser chamado de sagrado: “Da boca sai o beijo, assim como dela também se desprende o sopro vital que se transforma no verbo criador, no barro da palavra.”¹³⁶

O nome Poeirinha sugere origem e fim. O homem, diz a Bíblia, veio do pó e para o pó voltará – “poeira cósmica”¹³⁷. Dessa forma, o nome Poeirinha abarca a ideia de soltura, saída, prontidão para a ida, rumo ao novo: “[...] poeira é símbolo de força criadora [...] simboliza o abandono total do passado, uma ruptura completa, uma negação de tudo o que representava essa poeira: pátria, família, amizade, etc.”¹³⁸

Temos, então, o espaço sagrado: o mar. Maria Poeirinha foi envolvida num beijo e, arrastada pelo mar, deixou para trás a doença e a miséria: “[...] para renascer como poeira cósmica, origem-explosão do Cosmos, matriz permanente da imaginação criadora.”¹³⁹. Saiu do território profano para o centro do mundo no

¹³⁴ SECCO, Carmen Lucia Tindó (Org.). *Ensaio Sobre Literatura Infantil de Angola e Moçambique; Entre Fábulas e Alegorias*. Rio de Janeiro: Quartet, 2007, p. 175.

¹³⁵ COUTO, Mia. Op. Cit., p. 26.

¹³⁶ SECCO, Carmen Lucia Tindó (Org.). Op. Cit., p. 175.

¹³⁷ Idem, Ibidem, p. 175.

¹³⁸ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Op. Cit., p. 727.

¹³⁹ Idem, Ibidem, p. 175.

espaço sagrado. Foi o contato com o assombroso e o misterioso que promoveu a transformação: “Poeirinha que foi beijada pelo mar. E se afogou numa palavrinha.”¹⁴⁰

¹⁴⁰ COUTO, Mia. Op. Cit., p. 24.

5 DA MODERNIDADE À INFOERA: A LITERATURA DE FICÇÃO EM DIÁLOGO



Fig. 5 Ilustração de Stéphanie Daoud e Ricardo Rivas para a obra *Cibermãe*, de Alexandre Jardin.

Certos momentos no ciberespaço se parecem com a vida real – e aquele pareceu o mais real de todos.¹⁴¹

¹⁴¹ JARDIN, Alexandre. *Cibermãe uma viagem extraordinária dentro do computador* Trad. Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Moderna, 1998.

5.1 O espaço sagrado em *As Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa* de C. S. Lewis

C. S. Lewis foi influenciado por Rudolf Otto em seus pensamentos sobre a fantasia como expressão do sagrado. Ele tinha em mente a palavra ***Sehn'sucht***¹⁴² muito usada por Otto, que significa aspiração ou desejo e evoca implicações místicas e espirituais. Lewis definiu o mundo como um lugar de nostalgia, lugar de saudade e desejo pelo transcendente. Essa nostalgia por um espaço místico faz que o homem identifique o espaço ordinário como profano, sem hierofania, permeado pelo caos e sem um centro norteador. É justamente a sensação de distância do espaço sagrado que acentua a experiência do ***Sehn'sucht***. Assim, Colin Duriez¹⁴³ confirma:

Na verdade, o *Sehn'sucht*, visto como desejo ou aspiração que serve de indicador para a alegria, foi para Lewis uma característica definidora da fantasia. A criação de um outro mundo é uma tentativa de reconciliar os seres humanos e o mundo, a fim de personificar a realização de nossa aspiração imaginária. Palavras imaginativas, reinos encantados, são 'regiões do espírito' [...] para construir 'outros mundos' plausíveis e tocantes é preciso basear-se no único 'outro mundo' verdadeiro que conhecemos, que é o do espírito. (grifo do autor)

Lewis foi professor de literatura medieval em Oxford e em Cambridge e na época da criação das *Crônicas de Nárnia* (publicado em 1950), ele hospedava crianças, que haviam sido deportadas de Londres (por causa da II Guerra Mundial).

Acredita-se que por essa convivência, Lewis se viu inspirado na criação da obra em questão. Nela o autor conta a estória de quatro irmãos (Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia) que descobrem um mundo mágico (Nárnia) através de um guarda-roupa.

¹⁴² "*Sehn'sucht*: desejo veemente, anseio, nostalgia, melancolia, saudade [...]" (TOCHTROP, Leonardo. *Dicionário Alemão-Português* 7.ed., Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1987, p. 479.)

¹⁴³ DURIEZ, Colin. *Manual prático de Nárnia* Trad. Celso Roberto Paschoa. São Paulo: Novo Século, 2005 p. 77.

Lúcia foi a primeira criança a entrar em Nárnia e, quando lá estava, teve a descoberta do transcendente. Ao conversar com o fauno Sr. Tumnus, Lúcia vê-se entretida e extasiada com a alegria presente em Nárnia: “A melodia dava a Lúcia vontade de rir e chorar, de dançar e dormir, tudo ao mesmo tempo. Passaram-se horas talvez, até que ela deu por si [...]”¹⁴⁴.

A menina e seus irmãos viveram no período da II Guerra Mundial, isso fez com que ela e os seus se retirassem para um lugar distante, longe da família, dos pais, e, portanto, sem norteamento nem direção. Contudo, quando Lúcia atravessa o guarda-roupa e transcende para o mundo de Nárnia, ela tem o desejo de compartilhar com seus irmãos sua descoberta. Para ela, a nova experiência com a alegria tornou-se realidade, fornecendo-lhe um centro, um ponto fixo, ou seja, um lugar sagrado. Peter J. Schakel¹⁴⁵ acrescenta:

Da Blitz e de uma casa estranha em nosso mundo, Lúcia tropeça inesperadamente em um mundo encantado Outro-mundo. Tendo em vista que a fantasia comumente faz uso de algo ordinário, como uma porta, um portal, uma entrada para um mundo extraordinário além dela, Lúcia entra em um guarda-roupa aparentemente ordinário para cheirar e sentir casacos de pele encontrados nele, mas encontra além de casacos ordinários algo extraordinário: um mundo diferente, um lugar estranho e maravilhoso além do que ela pudesse ter imaginado ou sonhado. (tradução nossa)

Contudo, ao contar tal situação para seus irmãos, Lúcia sofreu oposição:

[...] é um guarda-roupa mágico. Lá dentro tem um bosque e está nevando. Tem um fauno [...] o nome da terra é Nárnia. Se quiserem

¹⁴⁴ And the tune he palyed made Lucy want to cry and laugh and dance and go to sleep all at the same time. It must have been hours later when she shook herself [...] (LEWIS, C. S. *Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa* Trad. Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 23.)

¹⁴⁵ SCHAKEL, Peter J. *The way into narnia* Michigan, Eerfmans, 2005, p. 40.

“From the Blitz and a strange house in our world, Lucy stumbles unexpectedly into an enchanted Other-world. In line a door, as a portal, or entrance, to the extraordinary world beyond it, Lucy steps into an ordinary-looking wardrobe to smell and feel the fur coats in it, but finds beyond the ordinary coats something extraordinary: a different world, a strange and wonderful place beyond anything she could have imagined or dreamt of.”

vamos ver [...] Lúcia gostava de falar a verdade, e tinha certeza de que não estava enganada.¹⁴⁶

Lúcia começa a descrição a partir do próprio portal. Trata-se de um “guarda-roupa mágico”. O uso do adjetivo “mágico” remete ao domínio do imaginário, daquilo que foge da realidade concreta. Há, portanto, a configuração do profano com o sagrado, do concreto com o abstrato — é Nárnia. Contudo, a realidade (do novo espaço) é reforçada pela descrença dos irmãos de Lúcia. Para ela, Nárnia é real e lhe fornece um contato até então não vivido.

Passado algum tempo, quando os irmãos puderam confirmar a realidade de Lúciae, portanto tiveram também a experiência de estar em Nárnia, as crianças ansiavam encontrar Aslam, o grande rei, o Leão-criador de Nárnia. A presença de Aslam nesse espaço estabelece a identificação da pessoa com o lugar: para eles, estar em Nárnia era estar com Aslam e estar com Aslam era estar em segurança.

O desejo de ir para Nárnia e encontrar Aslam evidencia também a experiência com o sagrado em seu espaço. Lewis considerava a emoção do espanto como próxima ao medo, contudo este não implicava perigo:

Quando o ser humano passa do medo físico para o horror e o assombro, ele claramente dá um salto, e apreende algo que jamais poderia ser ensinado, como no caso do perigo, por meio dos fatos físicos e das deduções lógicas provenientes destes [...] devemos insistir em que o horror e o assombro se acham numa dimensão distinta do medo.¹⁴⁷

Assim, essa era a sensação das crianças, ao ouvir o nome de Aslam em Nárnia, cada uma sentia algo pular em seu interior. Susana sentia como se algum cheiro agradável ou alguma melodia maravilhosa tivesse acabado de pairar ao seu

¹⁴⁶ It’s—it’s a magic wardrobe. There’s a wood inside it, and it’s snowing, and there’s a Faun and Witch and it’s called Narnia; come and see (LEWIS, C. S. Op. Cit., p. 32.)

¹⁴⁷ LEWIS, C. S. *O Problema do Sofrimento* Trad. Alípio Franca. São Paulo: Ed. Vida, 2006, p. 25.

lado. E Lúcia teve a sensação de prazer comparada a sair de férias ou a sensação do início do verão:

Quem nunca esteve em Nárnia há de achar que uma coisa não pode ser boa e aterrorizante ao mesmo tempo. Os meninos entenderam logo. Pois, quando tentaram olhar para Aslam de frente, só conseguiram ver de relance a juba de ouro e uns grandes olhos, régios, soleníssimos, esmagadores. Depois, não tiveram mais forças para olhar e começaram a tremer como varas verdes [...] a voz, profunda e generosa, teve o efeito de um calmante. Ficaram alegres e animados, não mais perturbados por estarem ali sem dizer uma palavra.¹⁴⁸

A experiência com o espaço sagrado transformou a vida das crianças, na obra de Lewis. Eles cresceram e mudaram com o passar do tempo na nova terra. Mais do que isso, o espaço sagrado despertou vocações, forneceu habilidades e, por fim, possibilitou a formação do ser:

Pedro ficou um homem alto e parrudo: foi chamado Pedro, o Magnífico. Susana virou uma mulher alta e esbelta, de cabelos negros que chegavam quase aos pés. Foi chamada Susana, a Gentil. Edmundo era mais grave e calado do que Pedro, muito sábio nos conselhos de Estado. E foi chamado de Edmundo, o Justo. Lúcia, esta continuou sempre com os mesmos cabelos dourados e a mesma alegria, e todos os príncipes desejavam que ela fosse rainha. E foi chama de Lúcia, a Destemida.¹⁴⁹

¹⁴⁸ People who have not been in Narnia sometimes think that a thing cannot be good and terrible at the same time. If the children had ever thought so, they were cured of it now. For when they tried to look at Aslan's face they just caught a glimpse of the golden mane and the great, royal, solemn, overwhelming eyes; and then they found they couldn't look at him and went all trembly [...] His voice was deep and rich and somehow took the fidgets out of them. They now felt glad and quiet and it didn't seem awkward to them to stand and say nothing. (LEWIS, C. S. *Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa* Trad. Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 123 e s.)

¹⁴⁹ And Peter became a tall and deep-chested man and a great warrior, and He was called King Peter the Magnificent. And Susan grew into a tall and gracious woman with black hair that fell almost to her feet and the kings of the countries beyond the sea began to send ambassadors asking for her hand in marriage. And she was called Susan the Gentle. Edmund was a graver and quieter man than Peter, and great in council and judgment. He was called King Edmund the Just. But as for Lucy, she was always gay and golden-haired, and all princes in those parts desired her to be their Queen, and her own people called her Queen Lucy the Valiant. (Idem, *Ibidem*, p. 175 e s.)

Notemos a configuração dos nomes. A cada uma das personagens é acrescentado um título a partir da nova realidade vivida em Nárnia (espaço sagrado). Adjetivos substantivados qualificam as personagens, atribuindo-lhes um atributo que se lhes torna inerente no encontro com o espaço sagrado. Por meio dessa experiência, cada uma delas vivencia uma nova identidade, não despida de suas marcas originais. Continuam Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia, mas agora se revestem de uma aura sagrada. Em outras palavras, o sagrado intervém no profano, promovendo a formação integral do ser. Nova identidade e nova realidade. O espaço sagrado transformou a vida de tal maneira que a fantasia e a imaginação se tornaram portal de encontro consigo mesmo. Quanto aos medos, incertezas e assombros da lembrança do espaço profano, tornaram-se para eles o irreal: “Assim viveram em grande alegria. Só lembravam a vida neste mundo de cá como quem se lembra de um sonho.”¹⁵⁰

5.2 O espaço sagrado em *Cibermãe* de Alexandre Jardim

No livro *Cibermãe*, três crianças alimentam com fotos e filmes antigos um computador e conservam uma imagem virtual da mãe, que morreu em um acidente. Trata-se de um passeio pelos caminhos da Internet, em que salas de museus e páginas de enciclopédias tornam-se realidade. Portanto, o espaço na obra é considerado ciberespaço (já definido no capítulo 2). Cabe ressaltar a definição de Lúcia Santaella¹⁵¹ trazemos para elucidar nossa análise:

¹⁵⁰ So they lived in great joy and if ever they remembered their life in this world it was only as one remembers a dream. (LEWIS, C. S. Op. Cit., p. 176.)

¹⁵¹ SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo* São Paulo: Paulus, 2007, p. 45.

[...] ciberespaço é o espaço que se abre quando o usuário conecta-se com a rede. Por isso mesmo, esse espaço também inclui os usuários de aparelhos sem fio, na medida em que esses aparelhos permitem a conexão e troca de informações. Conclusão, ciberespaço é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis.

A narrativa se inicia mostrando o grande vazio sentido por Lili, César e Félix devido à ausência da mãe. A falta da mãe confirma o espaço caótico sem um centro ou ponto fixo que norteie a vida. As palavras iniciais do livro apresentam esse caos, quando afirmam: “Mãe não pode morrer: é uma coisa que devia ser proibida. Essa ideia não saía do coração apertado da pequena Lili [...]”¹⁵². O espaço lembrava a ausência, faltava algo, isto é, uma relação com o transcendente que os fizesse entrar em contato consigo mesmo: “Na hora das refeições ainda havia momentos em que todos ficavam calados, olhando o lugar dela, e os vasos que ela já não enchia de flores.”¹⁵³

Pelo fato de não terem direção e sentido para a vida, o pai e cada criança procuravam um escape, algum objeto que pudesse preencher-lhes o vazio, contudo isso não produzia nenhum efeito benéfico ou motivador:

César, o mais velho dava a impressão de estar conformado e de se consolar com o computador [...] Félix acabava de completar 11 anos: o presente que o pai lhe deu foi uma mecha de cabelos da mãe [...] de dia, Artur disfarçava a tristeza entregando-se de corpo e alma a seu trabalho como professor de Latim [...] Lili abraçava Amendoim, seu urso de pelúcia, como se aquele carinho fosse o mesmo que receberia da mãe [...]”¹⁵⁴

¹⁵² Les mamans ne devraient jamais mourir: il y a des choses, comme ça, qui devraient être interdites. Cette pensée ne quittait plus le cœur serré de la petite Lily [...] (JARDIN, Alexandre. *Cibermãe uma viagem extraordinária dentro do computador* Trad. Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Moderna, 1998. p. 2.)

¹⁵³ A table, on se taisait, et l'on ne voyait que la place qu'Elle n'occupait plus, que les vases vides qu'Elle ne remplissait plus de fleurs. (Idem, Ibidem, p. 2.)

¹⁵⁴ César, l'aîné, faisait croire aux siens qu'il s'était consolé avec son ordinateur [...] Félix, lui, venait de fêter sa onzième année en recevant de son père une mèche de cheveux de sa maman [...] Le jour, monsieur Plume dissipait son chagrin en laissant son métier de professeur de latin occuper toute son attention. [...] Lily serrait cacahuète, son nounours, en se figurant que la tendresse qu'elle lui offrait était celle que sa mère lui eût donnée [...] (Idem, Ibidem, p.3 s)

No entanto, há uma ruptura de postura frente à vida quando as crianças conseguem entrar no ciberespaço por meio do computador, com o objetivo de encontrar a mãe. Uma nova realidade se apresenta aos meninos. Realidade até então não vivida, marcada pelo transcendente: “Numa hora que não existe (o tempo não conta no universo virtual...)”¹⁵⁵ A busca pela origem, pela fundação do mundo, fez que a realidade mudasse. Trata-se de um universo atemporal, no qual o sobrenatural passou a ser a nova identidade. Ainda que sem saber, as crianças tiveram o desejo temeroso pelo transcendente com o intuito de encontrar um centro norteador.

Ao encontrarem a mãe, as crianças estavam diante da experiência numinosa, isto é, experiência de alegria plena e formação de identidade: “Lili perdeu o fôlego. César ficou boquiaberto. Félix mais ainda [...]”¹⁵⁶. Trata-se, portanto, do espaço sagrado: lugar da identidade, do resgate e da realidade.

Vale ressaltar que essa experiência cosmológica e soteriológica já definida anteriormente não se vincula à efemeridade de momentos vividos, pelo contrário, ela marca o início da vida e o resgate de sentimentos perdidos. O sobrenatural torna-se a verdadeira realidade: “Certos momentos no ciberespaço se parecem com a vida real – e aquele pareceu o mais real de todos [...]”¹⁵⁷

O espaço sagrado muda tudo o que toca. No caso da obra em questão, o instante vivido no ciberespaço passou a servir como o espaço de contato com o numinoso: “As crianças perceberam que nunca mais estariam sozinhas [...] era

¹⁵⁵ A une heure qui n'existe pas (le temps interrompt son cours dans le monde virtuel...) (JARDIN, Alexandre. Op. Cit., p. 18.)

¹⁵⁶ Lily cessa de respirer. César ouvrit la bouche, Félix la ferma [...] (Idem, Ibidem, p. 58.)

¹⁵⁷ Certains instants ressemblent à la Vie, celui-là y ressemble plus que tout autre. (Idem, Ibidem, p. 58.)

possível, naquele universo virtual, voltar à vida. Nada neles ficaria morto. Ao encontrar de novo a mãe, era a própria infância que estavam reencontrando.”¹⁵⁸

Por fim, concluímos, a partir das análises, que a hierofania rompe a homogeneidade do caos e firma a convicção de que a realidade tocada pelo sagrado jamais tornará a ser o que já foi anteriormente. O sagrado proporcionou a transformação em cada uma das personagens e apontou para uma nova realidade: “César, Félix e Lili-a-Desastrada tinham em casa uma ciberMãe que, embora não fosse real, os escutava realmente. Puderam crescer sob a luz de seu olhar, ajudados pelo amor e confiança que ela nunca deixou de lhes dar.”¹⁵⁹

¹⁵⁸ Les enfants surent alors qu'ils ne seraient plus jamais seuls [...] Il leur était donné, dans cet univers virtuel, de redevenir pleinement vivants! Plus aucune part d'eux-mêmes ne demeurerait morte! En retrouvant leur maman, c'était la véritable enfance en eux qu'ils retrouvaient. (JARDIN, Alexandre. Op. Cit., p. 58.)

¹⁵⁹ César, Félix et Lily-Catastrophe eurent désormais chez eux une cybermaman qui, à défaut d'être réelle, les écoutait réellement. Ils purent continuer à grandir dans la lumière de son regard, portés par le crédit d'amour et de confiance qu'elle ne cessa jamais de leur manifester. (Idem, Ibidem, p. 63.)

6 SEGUINDO VESTÍGIOS E SOMBRAS, DESCOBERTAS E RELEITURAS: O RETORNO DO SAGRADO NA MODERNIDADE



Fig. 6 Uróboro. Disco de bronze, arte de Benin. In. *Dicionário de Símbolos*, de J. Chevalier e A. Gheerbrant

Todos os procedimentos são sagrados quando interiormente necessários.¹⁶⁰

[...] literatura não é apenas o que se escreve, é também o que se pensa e o que se vive.¹⁶¹

¹⁶⁰ KANDINSKY, Wassily. Apud BOSI, Alfredo. *Reflexões Sobre a Arte* 7.ed., São Paulo: Ática, 2006, p. 5.

¹⁶¹ MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura* 2.ed., Lisboa: Editorial Presença, 2001, p. 12.

Tendo em vista as análises feitas, com base nas teorias expostas nos três primeiros capítulos desta pesquisa, julgamos necessário tecer comentários sobre o retorno do sagrado na modernidade tardia.

O período atual é marcado por vários fatores que o caracterizam como uma época de “busca”, iniciada desde a modernidade. A partir desse marco, a ciência se apresentou com vislumbres de esperança em promessas não mais embasadas no sagrado, como ocorreu até o século XVI: “[...] os teólogos e filósofos compartilhavam do pressuposto de que Deus é a base fundamental do conhecimento verdadeiro. Por isso, conhecer a Deus significava conhecer a própria verdade.”¹⁶²

Instaurou-se, portanto, um período de mudanças de visão, de tendências e de atitudes que foram bem expostas pelo físico Fritjof Capra¹⁶³ em sua obra *O Ponto de Mutação*. Na obra em questão, o autor justifica que as transformações ocorridas na modernidade têm sua base no contraste entre a visão mecanicista e fragmentária de Descartes e Newton com as teorias da relatividade e da física quântica:

[...] são facetas diferentes de uma só crise, que é, essencialmente uma crise de percepção [...] ela deriva do fato de estarmos tentando aplicar os conceitos de uma visão de mundo obsoleta – a visão de mundo mecanicista da ciência cartesiana-newtoniana a uma realidade que já não pode ser entendida em função desses conceitos. Vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes.”¹⁶⁴

Além disso, a tecnociência passou a responder pelo avanço dos meios de comunicação de massa, da informática, da eletrônica, que fazem da modernidade tardia uma época de consumo. Assim, predomina em nossa cultura o veloz, o

¹⁶² MADUREIRA, Jonas. *Filosofia* São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 107.

¹⁶³ CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação; a ciência, a sociedade e a cultura emergente* Trad. Álvaro Cabral, 26.ed., São Paulo: Cultrix, 2006.

¹⁶⁴ Idem, *Ibidem*, p. 14.

efêmero, o descartável, o instável, o “novo”. Todos esses elementos fazem do homem moderno um ser “a imagem e semelhança dos produtos que consome.”¹⁶⁵

Dessa forma, nossa proposta é apresentar o sagrado como um elemento que proporciona ao homem um olhar interno e, ao mesmo tempo, transcendental. A partir desse olhar, o ser humano torna-se hábil para dialogar com as propostas contemporâneas sem perder de vista o essencial para sua vivência.

6.1 O Retorno do Sagrado

Com seu apelo à luz da razão e do avanço do progresso técnico-científico, a modernidade afastou o homem da possibilidade de apegar-se ao sagrado. Contudo, a história da filosofia nos mostra que a própria razão moderna entrou em crise, pois não conseguiu responder às questões humanas. Com isso, o homem tem se mostrado como um ser à procura de sentido, valor e esperança, elementos que orientem sua existência. Nesse caso, a razão parece não proporcionar tais elementos no interior do homem.

Assim, julgamos necessário refletir sobre o **eterno retorno** do sagrado a fim de podermos identificar sua presença na modernidade tardia.

Entendemos por eterno retorno o ciclo do mito reatualizado através do rito (como já visto no capítulo 1), para que ocorra a renovação do mundo. Nessa perspectiva, cada mudança temporal ou fim de determinados momentos com suas crenças não deve representar a incerteza, pelo contrário, deve apontar para a

¹⁶⁵ QUEIROZ, José J. *Deus e Crenças Religiosas no Discurso Filosófico Pós-moderno; linguagem e religião* REVER, ISSN: 1677-1222, São Paulo, 2006, p. 2.

“certeza de um novo começo”¹⁶⁶, marca do eterno retorno. Em outras palavras, é a escatologia apontando para a cosmogonia.

Por meio do eterno retorno, podemos delinear que há uma certa “mobilidade” do sagrado, ou seja, ainda que seja periodicamente deixado, ele se configura na vida atual:

A mobilidade da origem do Mundo traduz a esperança do homem de que seu Mundo estará sempre lá, mesmo que seja periodicamente destruído no sentido estrito do termo. Solução ou desespero? Não, pois a idéia de destruição do Mundo não é, no fundo, uma idéia pessimista. Por sua própria duração, o Mundo degenera e se consome; eis por que deve ser simbolicamente recriado todos os anos.¹⁶⁷

Gianni Vattimo,¹⁶⁸ quando afirma que a presença do sagrado em nossa época não é um fato que ocorre acidentalmente, sugere que o retorno do sagrado é impulsionado por elementos como o pavor frente ao perigo nuclear, às ameaças no campo ecológico, à manipulação genética. Tudo isso gera, assim, o medo da perda do sentido de existência e o tédio que acompanha o consumismo.

Ressaltamos que a modernidade tardia não exclui a razão, contudo requer algo mais. Nesse sentido, o sagrado se apresenta como resposta para o indivíduo. Imposta com uma nova configuração, denominada sagrado selvagem.

6.2 O Sagrado selvagem

A presença do sagrado em nossos dias se manifesta de forma mais espontânea. Por isso, esse elemento assume um caráter inovador, com uma nova

¹⁶⁶ ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade* Trad. Pola Civelli. 6.ed., São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 72.

¹⁶⁷ Idem, *Ibidem*, p. 72.

¹⁶⁸ DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (Orgs.) *A Religião* Trad. Tadeu Mazzola Verza, São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

configuração, denominada pelo sociólogo francês Roger Bastide,¹⁶⁹ sagrado selvagem: “[...] esse sagrado que vemos novamente surgindo na cultura e na sociedade de hoje quer-se um sagrado selvagem”. Trata-se do sagrado com formas espontâneas, livres da institucionalização: “[...] situa-se no domínio do imaginário, não no da memória —, mas para, ainda assim, deles extrair tudo aquilo que poderíamos chamar de pedagogia da selvageria.”

O sagrado possui uma forma privatizada uma vez que se apresenta entregue às vivências individuais do homem. Nele:

o sistema ideacional de valores é profundamente diferente. Sustenta que a verdadeira realidade se situa além do mundo material [...] e que o conhecimento pode ser obtido através da experiência interior. Subscrive valores éticos absolutos e padrões sobre-humanos de justiça, verdade e beleza.¹⁷⁰

Essa privatização da experiência humana remete a outro aspecto do sagrado selvagem: a alteridade do sagrado. Essa alteridade:

[...] é o dom humano que faz a pessoa se lançar em busca do “plenamente outro” e catalisa suas disposições referentes ao sagrado. Corresponde à sensibilidade de intuir o mistério da existência e de procurar respostas aos questionamentos sobre seu sentido. Ainda que possa não se manifestar em todas as pessoas, é a capacidade essencialmente humana de apreender a dimensão sagrada do mundo.¹⁷¹

De acordo com Bastide, a busca pelo outro é impulsionada pela passagem de uma sociedade orgânica a uma sociedade anômica. Essa transformação se deu mediante o enfraquecimento do controle da sociedade global em decorrência das

¹⁶⁹ BASTIDE, Roger. *O Sagrado Selvagem e outros ensaios*. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 251.

¹⁷⁰ CAPRA, Fritjof. Op. Cit., p. 29.

¹⁷¹ TESCAROLO, Ricardo. *A Escola como Sistema Complexo; a ação, o poder e o sagrado*. São Paulo: Escrituras, 2005, p. 151.

mutações sofridas pelas: “infra-estruturas dessa sociedade rural e pré-industrial para uma sociedade urbana e industrializada.”¹⁷²

Esse estado de anomia da sociedade trouxe consequências na vivência interior do homem, como a solidão, que, por conseguinte, fez que a busca pela alteridade se tornasse mais intensa: “[...] uma ‘alteridade’ nova capaz de desalterar uma sede que ele não consegue extinguir [...]”¹⁷³

Dessa forma, o sagrado selvagem se manifesta, também, como abertura do homem para os outros e promove a identificação entre os homens por meio das atividades da ação comunicativa apoiadas pelo pensar, querer e julgar do espírito.¹⁷⁴

Nesse sentido, o homem passa a considerar o valor do próximo assumindo:

[...] sentimento de respeito, ‘um papel muito importante na experiência ética dos valores e, de modo especial, na experiência religiosa da pessoa, área em que a realidade antropológica do mistério humano é convocada em toda sua profundidade.’¹⁷⁵

Portanto, ressaltamos que o sagrado tem como marca a experiência interior e, nesse aspecto, a sua presença na literatura serve de grande contribuição para o diálogo com as marcas instauradas na modernidade bem como em suas propostas atuais. Essa contribuição do sagrado se expressa no respeito, como “cuidado, “atenção”, “preocupação”, “estima”, “admiração”, “preocupação com o outro”, e “consideração” e “valorização do outro”.

Reforçamos, ainda, que o sagrado faz que as resistências entre o homem, o mundo e os diferentes níveis de realidade e de percepção sejam superadas, pois ele se apresenta como “um vínculo orgânico universal que conecta em rede dinâmica

¹⁷² BASTIDE, Roger. Op. Cit., p. 260.

¹⁷³ Idem, Ibidem, p. 268.

¹⁷⁴ TESCAROLO, Ricardo. Op. Cit., p. 158.

¹⁷⁵ Idem, Ibidem, p. 158.

essa pessoa e esse mundo com a perene certeza da existência de um terceiro que transcende sempre essa relação, mas que a integra e justifica o mistério humano, constituindo o sagrado.”¹⁷⁶

¹⁷⁶ TESCAROLO, Ricardo. Op. Cit., p. 158.

CONCLUSÃO

A partir de discussões teóricas e de análises de duas obras de Literaturas de Língua Portuguesa (*A menina de lá*, de Guimarães Rosa e *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto) e duas de literatura estrangeira (*As Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, de C. S. Lewis e *Cibermãe*, de Alexandre Jardin), podemos, portanto, delinear algumas conclusões.

Na perspectiva antropológica, o sagrado pode ser considerado como elemento essencial e norteador na formação do ser. Através da cosmogonia e do mito do eterno retorno, o espaço sagrado evidencia uma nova experiência no interior do homem, instaurando, assim, a mudança do caos ao cosmos. Nesse sentido, estar no espaço sagrado é estar em contato com o transcendente e com a própria identidade. Reafirmamos, portanto, a função salvífica do espaço sagrado, uma vez que nele o homem sente-se seguro por ter sua identidade resgatada, sendo desafiado a se aventurar no conhecimento de si e do mundo.

Nessa perspectiva, a Literatura para Crianças e Jovens se apresenta como um elo perfeito entre o sagrado e o homem. A literatura proporciona a experiência com a realidade e permite que a criança a decodifique a seu modo. Além disso, ao sintetizar a realidade do leitor, a literatura forma o leitor para a vida trazendo a vida real para a vida interior.

Verificamos, também, que a Literatura Comparada proporciona um olhar interno (para as literaturas nacionais) e um olhar transcendente que amplia a percepção estética. Por meio desse estudo temático, foi possível identificar o sagrado como um dos assuntos de base nas obras dos autores de Língua Portuguesa selecionados. Além disso, através do diálogo proposto na análise das

obras, notamos que o sagrado se reinveste simbolicamente de diferentes formas, o que pode ser verificado nas obras *As Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa* e *Cibermãe*.

Na articulação das teorias com as obras selecionadas, foi possível apontar o retorno do sagrado na modernidade tardia. Contudo, como já elucidamos, ele se apresenta livre das instituições e demanda um novo olhar para que seja apreendido. Trata-se de uma experiência que tem o interior do homem como centro e, por isso, vincula a ela o imaginário e a abertura para o outro. Essa nova apresentação do sagrado se mostra eficaz porque trata de um “vínculo orgânico universal”, que liga o homem ao mundo e que, por fim, remete este a uma busca por um espaço transcendente, ou seja, sagrado.

Por fim, ressaltamos que este trabalho se propôs contribuir com o universo acadêmico, proporcionando mais uma forma de leitura da Literatura para Crianças e Jovens. Desejamos continuar nossa pesquisa em outro nível, ampliando a leitura do sagrado (não somente pelo espaço sagrado) e fechando um núcleo de obras portuguesas e brasileiras para uma relação comparativista.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando. (Org.). **Dicionário de Sociologia** 6.ed., Porto Alegre: Globo, 1974, p. 346.

AZEVEDO, Ricardo J. D. **Como o ar não tem cor, se o céu azul?: Vestígios do conto popular na Literatura Infantil** 1997. Dissertação (Mestrado em estudos comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – FFLCH, Universidade de São Paulo, 1997.

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, História e Política: literaturas de língua portuguesa no século XX** 2.ed., Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

BASTIDE, Roger. **O Sagrado Selvagem e outros ensaios** Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BENVENISTE, Émile. **O Vocabulário das Instituições Indo-européias; poder, direito e religião** Trad. Denise Bottmann, Eleonora Bottmann. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

BÍBLIA SAGRADA - **Tradução Ecumênica** São Paulo: Edições Loyola, 1994.

BOSI, Alfredo. **Reflexões Sobre a Arte** 7.ed., São Paulo: Ática, 2006.

_____. **História Concisa da Literatura Brasileira** 43.ed., São Paulo: Cultrix, 2006.

CALIMAN, Cleto (Org.). **A Sedução do Sagrado; O fenômeno religioso na virada do milênio** 2.ed., Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

CALVINO, Italo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio** 3.ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito** Trad. Carlos Felipe Moisés. 19.ed., São Paulo: Palas Athena, 2001.

- CANDIDO, Antonio. **A Literatura e a Formação do Homem** Revista do Departamento de Teoria Literária, ISBN 103-183X, Campinas: Unicamp, 1999.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação; a ciência, a sociedade e a cultura emergente** Trad. Álvaro Cabral. 26.ed., São Paulo: Cultrix, 2006.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada** 2.ed., São Paulo: Ática, 1992.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos** Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim. 21.ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, método** 7.ed., São Paulo: Moderna, 2006.
- _____. **Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira** 5.ed., São Paulo: CEP, 2006.
- _____. **Literatura: arte, conhecimento e vida** São Paulo: Ed. Peirópolis, 2000.
- _____. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil. Das Origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo** 4.ed., São Paulo: Ática, 1991.
- _____. **Literatura & Linguagem** 2.ed., São Paulo: Edições Quíron, 1976.
- COENEN, Lothar; COLIN, Brown. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento** Trad. Gordon Chown. 2.ed., São Paulo: Vida Nova, 2000.
- COUTO, Mia. **O beijo da palavrinha** Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.
- _____. **O Gato e o Escuro** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.
- CUNHA, Antônio G. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa** 3.ed., Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni, (Orgs.). **A Religião** Trad. Tadeu Mazzola Verza, São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

Dicionários editora — **Dicionário de Português-Alemão** — Porto – Portugal: Porto Editora, 1994.

DURKHEIM, Émile. **Formas Elementares da Vida Religiosa** Trad. Joaquim Pereira Neto. 2.ed., São Paulo: Paulus, 1989.

DURIEZ, Colin. **Manual prático de Nárnia** Trad. Celso Roberto Paschoa. São Paulo: Novo Século, 2005.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano** Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Mito do Eterno Retorno: cosmo e história** Trad. José Antonio Ceschin. 9.ed., São Paulo: Editora Mercuryo, 2007.

_____. **Mito e Realidade** Trad. Pola Civelli. 6.ed., São Paulo: Perspectiva, 2007.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Olhar de Descoberta** 2.ed., São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil** São Paulo: Pioneira, 1984.

JAFFE, Noemi. **Rosa é Substantivo** Revista da Cultura, 12.ed., São Paulo: Editora Livre, 2008, p. 20.

JARDIN, Alexandre. **Cybermaman ou le voyage extraordinaire au centre d'un ordinateur** Éditions Gallimard Jeunesse, 1996.

_____. **Cibermãe uma viagem extraordinária dentro do computador** Trad. Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Moderna, 1998.

JOLLES, André. **Formas Simples: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste** Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira. História e Histórias** 6.ed., São Paulo: Ática, 2006.

LEWIS, C. S. **The Chronicles of Narnia: the lion, the witch and wardrobe** New York: HarperCollins Publishers, 2000, p. 13.

_____. **A Experiência de Ler** Trad. Carlos Grifo Babo. Porto: Porto Editora, 2003.

_____. **As Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa** Trad. Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **O Problema do Sofrimento** Trad. Alípio Franca. São Paulo: Ed. Vida, 2006.

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura** 2.ed., Lisboa: Editorial Presença, 2001.

MADUREIRA, Jonas. **Filosofia** São Paulo: Vida Nova, 2008.

MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria C. C.; NEVES, Maria H. M, (Coords.). **Dicionário Greco-Português** Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **O Léxico de Guimarães Rosa** 2.ed., São Paulo: Edusp, 2001.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado** Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

PALO, M. J.; OLIVEIRA, M. R. **Literatura Infantil Voz de Criança** 4.ed., São Paulo: Ática, 2006.

PAPES, Cleide da Costa e Silva. **A Vivência e a Invenção na Palavra Literária** São Paulo: Paulinas, 2008.

PAZ, Octavio. **El Arco y La Lira: Lengua y Estudios Literarios** 13.ed., México: Fondo de Cultura Econômica, 2003.

_____. **O Arco e a Lira** Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

POUND, Ezra. **Abc da Literatura** Trad. Augusto de Campos; José Paulo Paes. 11.ed., São Paulo: Cultrix, 2006.

QUEIROZ, José J. **Deus e Crenças Religiosas no Discurso Filosófico Pós-moderno; linguagem e religião** REVER, ISSN: 1677-1222, São Paulo, 2006.

RICOEUR, Paul. ***Figuring the Sacred: religion, narrative and imagination*** Minneapolis: Fortress Press, 1995.

RODARI, Gianni. ***Gramática da Fantasia*** São Paulo: Summus, 1982.

ROSA, Guimarães. ***Primeiras Estórias*** edição especial, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. ***Navegar no Ciberespaço: o perfil do leitor imersivo*** 2.ed., São Paulo: Paulus, 2007.

_____. ***A Teoria Geral dos Signos. Como as Linguagens Significam as Coisas*** São Paulo: Pioneira, 2000.

_____. ***Culturas e Artes do pós-humano. Da cultura das mídias à Cibercultura*** 3.ed., São Paulo: Paulus, 2008.

SARAIVA, F. R. Santos. ***Dicionário Latino-Português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico*** 11.ed., Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.

SCHAKEL, Peter J. ***The way into narnia*** Michigan: Eerfmans, 2005.

SECCO, Carmen Lucia Tindó (Org.). ***Ensaio Sobre Literatura Infantil de Angola e Moçambique; Entre Fábulas e Alegorias*** Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

SILVA, Benedicto. (Org.). ***Dicionário de Ciências Sociais*** Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1986.

TESCAROLO, Ricardo. ***A Escola como Sistema Complexo; a ação, o poder e o sagrado*** São Paulo: Escrituras, 2005.

TOCHTROP, Leonardo. ***Dicionário Alemão-Português*** 7.ed., Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1987.

ZILBERMAN, Regina. ***Literatura Infantil na Escola*** 11.ed., São Paulo: Global, 2003.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)